

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

BRUNA USSANDIZAGA GONÇALVES NEVES ARAUJO

**O OUTRO DO MESMO:
CONSIDERAÇÕES E PRÁTICA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA**

**JAGUARÃO
2024**

BRUNA USSANDIZAGA GONÇALVES NEVES ARAUJO

**O OUTRO DO MESMO:
CONSIDERAÇÕES E PRÁTICA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

**JAGUARÃO
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A886o

Araujo, Bruna Ussandizaga Gonçalves Neves

O outro do mesmo: considerações e prática da tradução literária / Bruna Ussandizaga Gonçalves Neves Araujo. 74 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - - Universidade Federal do Pampa, LETRAS- PORTUGUÊS E ESPANHOL, 2024.

“Orientação: Carlos Garcia Rizzon”.

1. Apontamentos sobre o regionalismo. 2. Apontamentos sobre o conto. 3. Apontamentos sobre a teoria da tradução. 4. Traduções. 5. Prática de tradução literária. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

BRUNA USSANDIZAGA GONÇALVES NEVES ARAUJO

O OUTRO DO MESMO: CONSIDERAÇÕES E PRÁTICA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13/12/2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
Orientador
UNIPAMPA

Prof.ª Dr.ª Geice Peres Nunes
UNIPAMPA

Prof.ª Dr.ª Liliam Ramos da Silva
UFRGS



Assinado eletronicamente por **CARLOS GARCIA RIZZON, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2024, às 06:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GEICE PERES NUNES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2024, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Liliam Ramos da Silva, Usuário Externo**, em 23/12/2024, às 10:33, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1617122** e o código CRC **42419D52**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

Em memória a minha querida avó Calula, ao meu querido avô Careca e meu querido tio Luizinho que fizeram parte desta trajetória e deixaram saudades.

Para todos que me apoiaram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus, em primeiro lugar, por ser meu guia sempre e por tudo que tenho em minha vida. Ao meu filho Henrique, a razão da minha vida, que trouxe felicidade, completando os meus dias com muito amor.

A minha família, especialmente minha mãe Fátima e meu pai Fábio, por serem meus pilares, me apoiando em todas as fases de minha vida, por todas as vezes que necessitei de ajuda, pelos valores de honestidade, bondade e respeito que me ensinaram, por me permitirem o contato com a educação e por me guiarem pelo caminho do bem; às minhas avós Ilza e Calula e aos meus avôs Filmer e Soilo, pelos momentos de alegria e pelas belas recordações que tornaram quem sou hoje. Ao meu querido marido Mikael, por sempre me apoiar em minhas decisões, pelo companheirismo, por estar presente em todos os momentos, felizes e difíceis, e pelo incentivo em todas as vezes que duvidei de mim.

A minha prima Larissa, por estar sempre ao meu lado, por ter me ajudado sendo minha ouvinte em vários trabalhos da graduação, pelas boas risadas e por ser essa prima/irmã de coração; as minhas tias Cristina e Cristiana, a minha prima Franciele e aos meus tios Luciano e Luizinho, pelas conversas e por sempre ficarem felizes por mim; aos meus queridos irmãos Matheus e Guilherme, por me incentivarem a ser uma boa pessoa e irmã.

A minha segunda família, especialmente, a minha sogra Clotildes, que há doze anos me trata como filha, me apoiando, auxiliando em meu amadurecimento e orando por mim; as minhas cunhadas Dienifer, Jessica e Vitória, pelo companheirismo, pelo apoio e amor de irmãs que temos umas pelas outras.

A minha melhor amiga, Ágatha, pelos lindos anos escolares, por ser minha confidente, por ser muito mais que uma amiga e pelo apoio que sempre me deu.

A todos os meus colegas, especialmente, as minhas amigas de curso Marcia e Joyce, pela amizade, pelos dias divertidos e desafiadores durante a graduação e por toda ajuda em todas as vezes que necessitei.

A todos os professores do curso, que sempre foram muito dedicados e atenciosos e que de alguma forma contribuíram em minha formação.

Ao professor Carlos, melhor orientador e tutor, que durante todos esses anos sempre me auxiliou em meus estudos com muita calma e sabedoria, por ser o mediador de muitas

oportunidades que tive durante o curso e que foram pilares para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, pela empatia e amizade em muitos momentos delicados de minha vida e pelos valiosos ensinamentos que me passou, indo além das disciplinas de graduação.

Traduzir é a maneira mais atenta de ler.

Salas Subirat

RESUMO

Refletir sobre a prática de tradução de contos do escritor uruguaio Mario Arregui, baseando-se nos estudos da tradução como uma transcrição, permitiu uma nova perspectiva sobre o papel do tradutor. Nos contos “Los caballos”, “Un cuento de fogón” e “El ancho mundo”, são analisadas as situações vividas pelas personagens, trazendo o homem simples do campo por meio de uma visão universal, desmistificando a figura do gaúcho e do regionalismo tradicional. Também, respaldada nas contribuições da Teoria do conto, pensamos esse gênero literário de uma outra forma, apresentando características essenciais, como a dualidade e a sensibilidade, para a significação nos leitores, como apontam os estudos de Ricardo Piglia e Mempo Giardinelli. Além disso, visando a tradução como uma criação, que constatamos nos estudos de Rosemary Arrojo e Haroldo de Campos, por exemplo, é possível ver que as traduções requerem, primeiramente, a identificação com a obra, seus conhecimentos prévios, o contexto em que o leitor/tradutor está inserido, uma leitura minuciosa do texto fonte e um trabalho cuidadoso, valorizando assim o tradutor, tornando as inevitáveis intervenções e escolhas próprias da prática de traduzir. Dessa forma, buscou-se por meio da breve análise das traduções realizadas por mim, comentar os momentos de dúvidas, as pesquisas feitas e esclarecer as soluções encontradas para o texto em português, sempre pensando a tradução como um novo texto e, ao mesmo tempo, o mesmo.

Palavras-chave: Tradução. Conto. Regionalismo. Mario Arregui.

RESUMEN

Reflejar la práctica de traducción de cuentos del escritor uruguayo Mario Arregui, basándose en los estudios de la traducción como una transcreación, permitió una nueva perspectiva sobre el papel del traductor. En los cuentos “Los caballos”, “Un cuento de fogón” y “El ancho mundo”, se analizan las situaciones vividas por los personajes, trayendo el hombre simple del campo por medio de una visión universal, desmitificando la figura del gaucho y el regionalismo tradicional. También, respaldada en las contribuciones de la Teoría del cuento, pensamos este género literario de otra manera, presentando características esenciales, como la dualidad y la sensibilidad, para el significado en los lectores, como señalan los estudios de Ricardo Piglia y Mempo Giardinelli. Además, mirando la traducción como una creación, que hemos constatado en los estudios de Rosemary Arrojo y Haroldo de Campos, por ejemplo, es posible ver que las traducciones requieren, primeramente, la identificación con la obra, sus conocimientos previos, el contexto en que el lector/traductor está inserido, una lectura minuciosa del texto fuente y un trabajo cuidadoso, valorando así al traductor, haciendo las inevitables intervenciones y elecciones propias de la práctica de traducir. De esta manera, se buscó a través del breve análisis de las traducciones realizadas por mí, comentar los momentos de dudas, las investigaciones hechas y aclarar las soluciones encontradas para el texto en portugués, siempre pensando la traducción como un nuevo texto y, al mismo tiempo, el mismo.

Palabras clave: Traducción. Cuento. Regionalismo. Mario Arregui.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 APONTAMENTOS SOBRE O REGIONALISMO	16
1.1 Novos olhares sobre o Regionalismo	16
1.2 O universal em Mario Arregui	17
2 APONTAMENTOS SOBRE O CONTO	20
2.1 Estrutura e teoria do conto	20
2.2 O efeito e a duplicidade em Mario Arregui	22
3 APONTAMENTOS SOBRE A TEORIA DA TRADUÇÃO	25
4 CONTOS E TRADUÇÕES	30
COMENTÁRIOS E CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Os estudos de tradução literária vêm colaborando para a construção de novas concepções e visões sobre o trabalho do tradutor. Pelo mundo, a história da tradução foi marcada por diversos períodos, persistindo discussões que ora privilegiavam o literal e ora a significação. Atualmente, compreende-se que a intervenção do tradutor é inevitável, pois não existem correspondências diretas e equivalentes entre uma língua e outra. Através de teorias e experiências acadêmicas sobre o ato tradutório, percorremos este caminho, tomando como objeto de estudo os contos “Los caballos”, “El ancho mundo” e “Un cuento de fogón”, do escritor Mario Arregui.

Mario Arregui nasceu no ano de 1917, em Trinidad, na Província de Flores, no Uruguai, passando sua infância no campo e indo estudar em Montevideu no ano de 1935. Apesar de ter uma produção não tão extensa em questões quantitativas, Arregui encantou diversos leitores com suas temáticas rurais, seus enredos sedutores, sua linguagem regional e suas personagens bem construídas.

A produção desse autor é composta de diversos contos, reflexões, um relato de viagem e um pequeno livro em homenagem ao poeta Líber Falco. Seus contos já foram traduzidos para diversos idiomas, incluindo a língua portuguesa através de Sergio Faraco, escritor e tradutor gaúcho. No processo de tradução, Faraco e Arregui se corresponderam por meio de cartas, o que, tempos depois, fez surgir o livro *Diálogos sem fronteira*, que é um registro único da troca de mensagens entre os escritores, obra que foi publicada no Uruguai, em 1990, e no Brasil, em 2009.

A conversa epistolar entre os escritores iniciada em 1981, que teve como motivo inicial a intenção de Faraco em traduzir os contos de Arregui e publicá-los no Brasil, durou quase quatro anos, até a morte de Mario Arregui em 1985. Durante esse tempo, embora tenham se encontrado pessoalmente apenas uma vez, construíram uma forte amizade, o que possibilitou que comentassem e discutissem diversos assuntos, incluindo as dúvidas e soluções nas traduções do escritor gaúcho.

Nas diversas escolhas e mesmo intervenções que fez no texto de Arregui, Faraco demonstra com suas recriações que traduzir é algo trabalhoso. Trilhando este caminho, as traduções realizadas neste trabalho tentarão mostrar a tradução como um outro texto ou uma outra possibilidade de um mesmo texto, já que, como aponta a professora Rosemary Arrojo:

Toda tradução, por mais simples e breve que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador. Toda tradução, por mais simples e breve que seja, revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito

interpretante e, não meramente, uma compreensão “neutra” e desinteressada ou um resgate comprovadamente “correto” ou “incorreto” dos significados supostamente estáveis do texto de partida. (ARROJO, 2003, p. 68).

Tempos atrás, persistiram concepções que definiam o texto original como definitivo e estável, de modo que suas traduções eram consideradas inferiores por conta das inevitáveis intervenções dos tradutores. Porém, após se firmarem os estudos da tradução que propuseram conceitos que enfatizavam transcrições, questões como estas em que o tradutor provoca alterações transformaram-se em pontos positivos e próprios da tradução.

Um dos pilares para o desenvolvimento deste trabalho foi a participação no projeto de pesquisa “Fronteiras da Tradução Literária” desenvolvido na Unipampa sob coordenação do professor Carlos Rizzon em 2018, o que permitiu o aprofundamento de conceitos da Literatura de Fronteira, do Regionalismo e dos Estudos da Tradução. No projeto, trabalhou-se primeiro o contato com as obras do autor Mario Arregui e as traduções de Sergio Faraco. As comparações realizadas entre os textos, original e tradução, possibilitaram visualizar e perceber a contribuição da escrita cuidadosa de Faraco, como o próprio tradutor menciona em uma das cartas enviadas a Arregui:

A tradução é cuidada, minuciosa, mas de vez em quando modifico uma frase ou outra, para buscar a exata correspondência em português. Em alguns casos, tenho eliminado certas imagens, por constatar que, em português, não conservam a mesma força do espanhol ou parecem gratuitas. (ARREGUI; FARACO, 2009, p. 23).

Faraco confirma as intervenções que faz quando acredita ser necessário, chegando a alterar, às vezes, até os títulos originais dos contos, como, por exemplo, a mudança de “Un cuento con un pozo” que, em português, denominou-se “Cavalos do amanhecer”. Por ser um novo texto, as traduções são vistas como uma forma de adaptar costumes e tradições para uma outra língua, um ato de comunicação entre culturas. Como uma forma de registrar os estudos que realizamos na pesquisa, foi produzido o artigo “Tradução e identidades regionais de Arregui e Faraco”, publicado em 2020 no livro *Viceversa: tópicos de traducción entre español y portugués*, a fim de contribuir para os estudos em tradução. Continuando as pesquisas, no projeto “José Monegal em tradução: teoria, prática e crítica”, também sob coordenação do professor Carlos Rizzon na Unipampa, em 2022, explorou-se a prática de traduzir contos do autor uruguaio José Monegal, transcribindo os textos para o português, agora no exercício e prática da tradução. Durante esse processo, confirmou-se, por meio de discussões com o orientador e os demais bolsistas que participavam do projeto, que traduzir é um ato de criação. Como resultado, produziu-se o artigo “El humor en cuentos de José Monegal” (ainda inédito),

a fim de relacionar a prática de tradução com a teoria, identificando elementos que caracterizam o espaço regional pampiano e fronteiriço.

A literatura regionalista e fronteiriça é uma característica presente nas narrativas de Mario Arregui e José Monegal, ambos autores trabalhados nos projetos mencionados. Por localizar-me em um espaço de fronteira, em uma região entre Uruguai e Brasil, o contato entre culturas ao mesmo tempo similares e diferentes, entre linguagens e costumes parecidos mas desiguais, sempre foi uma presença muito forte na minha formação; por conta disso, os estudos regionalistas e fronteiriços sempre me despertaram interesse durante a graduação. Na literatura, várias concepções sobre regionalismo já foram expostas. Alguns críticos literários defendem a ideia de que se trata de uma literatura de menor valor; já outros, defendem e preservam a naturalidade da linguagem popular das obras e sua importância para mostrar traços culturais de alguma região ou lugar. Nestes estudos, alguns autores são relevantes para entendermos estas questões, como a crítica Ligia Chiappini, que acrescenta que o regionalismo é atual e não ultrapassado, criticando as concepções que enfatizam a dualidade local *versus* universal.

Da mesma maneira, na América Latina, vários escritores trabalharam com a literatura de fronteira para narrar diversas histórias. De acordo com alguns estudos, é relevante refletir que, durante o transcorrer dos tempos, muitos teóricos conceituaram essa literatura. Uma delas foi a comparatista Tania Franco Carvalhal, que traz a fronteira não apenas como espaço geográfico, mas também como “[...] uma espécie de ‘convenção estruturante’, um espaço de divisa e de delimitação que demarca diferenças, afirma identidades e origina necessidades de representação” (CARVALHAL, 2003, p. 154), sendo inevitável as interferências causadas por ela nos indivíduos e lugares.

Os contos “Los caballos”, “El ancho mundo” e “Un cuento de fogón”, que formam nosso *corpus* de estudo e prática de tradução, relatam histórias do homem simples do campo, retratando seus conflitos humanos e resgatando elementos regionais. Em referência ao conto, é importante salientar que diversas teorias já foram discutidas sobre suas características e estrutura como gênero literário. Desde as primeiras contribuições feitas pelo escritor estadunidense Edgar Allan Poe no século XIX, muitos estudos vêm tentando aprofundar as análises sobre esse gênero. É notável que o conto é diferente de outras narrativas literárias, pois requer do autor um trabalho complexo para causar efeitos e sensibilizar o leitor em cada nova linha.

A partir desse relato da reflexão de diferentes conceitos estudados seja em disciplinas cursadas durante a graduação ou em pesquisas em que atuei, buscar-se-á, no primeiro capítulo, tratar de considerações sobre a Literatura regionalista e sua construção nos contos traduzidos,

tentando mostrar uma reflexão sobre a figura do gaúcho que ultrapassa os limites geográficos que separam Brasil e Uruguai. Seguindo os estudos, no segundo capítulo, abordaremos a estrutura do conto e suas características, a fim de relacionar a teoria com as narrativas que selecionamos da ficção de Mario Arregui. Em continuação, no terceiro capítulo, percorreremos a história dos estudos da tradução, bem como algumas teorias relevantes para pensar a prática de traduzir, sobretudo no que diz respeito à leitura. No quarto capítulo, apresentaremos as traduções realizadas dos contos “Los caballos”, “El ancho mundo” e “Un cuento de fogón”, inserindo junto os textos originais do escritor Mario Arregui. Nos Comentários e Conclusão, destacaremos as três traduções, registrando e comentando dificuldades e escolhas na busca de soluções para o resultado final, explicitando, assim, nossa experiência na tarefa como tradutora. Mostraremos, então que as traduções realizadas podem ser uma possível versão para o português e contribuir, de certa forma, com leitores e pesquisadores na Teoria da Tradução.

1 APONTAMENTOS SOBRE O REGIONALISMO

1.1 Novos olhares sobre o regionalismo

O conceito de regionalismo tem tomado diversas formas conforme vem sendo estudado ao longo dos anos. As obras regionalistas buscam retratar as particularidades de um determinado local, destacando seus aspectos culturais, sociais e econômicos. Esta abordagem literária ganhou destaque no final do século XIX e início XX, especialmente na América Latina, com autores que procuravam valorizar e registrar a identidade regional.

Na crítica literária, os primeiros conceitos que surgiram argumentavam que o regionalismo limitava a compreensão de suas obras a um determinado local. Nessa visão de um regionalismo estreito e superado, a autora Lúcia Miguel Pereira, no seu livro *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)*, publicado em 1950, no capítulo em que analisa o regionalismo, afirma que:

Para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. (PEREIRA, 1988, p. 175).

A autora não reconhece os valores culturais e nem as relações que as obras regionalistas possam ter com diversos temas, colocando o regionalismo em oposição ao universal. Em sua visão, delimita também as personagens regionalistas ao meio a que pertencem, excluindo-as do resto do mundo, pois o regionalista “busca nas personagens, não o que encerram de pessoal ou relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as assim de todas as criaturas estranhas àquele” (PEREIRA, 1988, p. 176). Percorrendo este mesmo caminho, o crítico Nelson Werneck Sodré, em seu livro *História da literatura brasileira*, publicado na década de 1970, reafirma algumas colocações da autora sobre o regionalismo como algo limitador, já que “A natureza absorve, na ficção regionalista, o papel do homem e este vive em função dela, esmagado pela sua impotência” (SODRÉ, 1976, p. 406). As colocações desse historiador, novamente, delimitam o regionalismo a uma literatura de menor valor.

Ampliando nossos estudos teóricos, encontramos que a autora Ligia Chiappini ressalta que o regionalismo não deve ser visto como uma limitação, mas como uma forma de resistência e afirmação cultural. Em suas análises, ela argumenta que a literatura regionalista tem o poder de transformar o “beco” em “belo”, destacando a riqueza e a complexidade das culturas locais (CHIAPPINI, 1995).

A autora afirma que o regionalismo está em constante evolução e que a dicotomia entre o regional e o universal que vinha sendo apontada pela crítica literária seria falsa, pois se esqueceria “que é o espaço histórico-geográfico, entranhado e vivenciado pela consciência das

personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157), mostrando que, por menor que seja o local, ele se transcende no mundo. As obras regionalistas vão além, dão voz aos menos favorecidos, construindo personagens com questões e temas humanos complexos, mostrando uma “região para além da geografia” (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Apesar do regionalismo enfrentar desafios, é importante afirmar que ele não é anacrônico e que permanece presente na contemporaneidade, trazendo uma grande tradição cultural. É o que aponta o escritor Luiz Antônio de Assis Brasil, ao falar sobre o regionalismo:

[...] não devemos pensar que o regionalismo, mesmo quando bem realizado, é uma literatura que nos isola; muito ao contrário, no momento em que é verdadeira literatura, isto é, no momento em que se realiza com apreciável quilate estético, passa a pertencer a todos, tornando-se reconhecível e incluindo-se na multiplicidade que caracteriza as culturas do globo. (ASSIS BRASIL, 2004, p. 38).

Mesmo que a globalização e a crescente urbanização tendem a homogeneizar as culturas, o regionalismo literário continua a ser uma ferramenta poderosa para preservar e celebrar essas identidades. Com isso, desempenha um papel crucial na literatura, permitindo que vozes e experiências locais sejam ouvidas e valorizadas. Muitos autores, incluindo o escritor Mario Arregui, mostram que a literatura regionalista pode abordar temas universais através de um olhar regional, enriquecendo a literatura com suas perspectivas únicas. O regionalismo, ao valorizar as especificidades culturais e sociais de diferentes regiões, contribui para uma compreensão mais profunda e abrangente das diversidades, transcendendo fronteiras. Desta forma, no tópico seguinte, analisaremos nos contos “Los Caballos”, “Un cuento de fogón” e “El ancho mundo” como o universal é construído na literatura regionalista.

1.2 O universal em Mario Arregui

É notável que o escritor Mario Arregui em seus contos consegue expressar as condições humanas universais, as misérias e as desventuras ao falar do gaúcho simples do campo. Apesar de sua obra ser composta de elementos e paisagens regionalistas, Arregui nega que seja um escritor *criollista* quando fala:

[...] não sou nem quero ser um escritor *criollista*, e em meu próximo livro [...] incluirei um pequeno ensaio intitulado “Literatura y botas de potro”, onde lanço umas quantas pedras mal-humoradas no *criollismo* literário usual. Mas reparem que digo “*criollismo* usual”, ou seja, aquele que se limita ao típico ou ao particular, que pretende explorar o que é pitoresco de cor local e que, no fim das contas, é uma forma de mau folclore. Tenho tentado, talvez não de todo conscientemente, uma outra coisa: apreender em âmbitos de campo e cidade, através de personagens um tanto regionais, aspectos e reações que possam ter significados universais (ARREGUI; FARACO, 2009, p. 103).

Arregui desmistifica a figura de um gaúcho caricato que o regionalismo tradicional fala, pois seus personagens retratam o gaúcho simples com seus conflitos humanos internos e

externos. Além disso, o escritor traz em seus contos uma identidade que, por meio da utilização de linguagens peculiares, resgata a cultura e as expressões regionais da fronteira.

No conto “Los caballos”, fábula publicada no livro *Hombres y caballos* (1960), narra-se a conversação entre os amigos de pelagem tordilho e picaço, ambos cavalos de Leo, que tentam proteger e de alguma forma salvar o seu dono da sombra que veem. Mario Arregui incorpora o tema universal da morte e a impotência que as personagens têm perante ela; afinal não se pode escapar do seu destino. Apesar das tentativas dos cavalos em salvar seu dono, no final acaba que um deles é o responsável pelo seu trágico fim, cumprindo com o destino de Leo. Ademais, vemos a desmistificação da figura do gaúcho herói, e dá-se espaço a um pobre homem com o destino já selado. O autor mostra como uma obra que utiliza elementos regionais pode dialogar com o resto do mundo, fazendo com que os leitores que a leem se identifiquem com os problemas das personagens.

No segundo conto, “Un cuento de fogón”, publicado no livro *Tres libros de cuentos* (1969), narra-se a história da personagem Carrión que, depois de uma noite de bebedeira, acaba perdendo seus cavalos e, por conselho de sua esposa, vai a procura de uma vidente para ajudá-lo a encontrá-los. Neste conto, Arregui traz questões como a fé, pois Carrión, ao pedir ajuda à senhora vidente, sai do lugar com esperanças de achá-los, retratando o modo como seguimos em algumas situações. A esperança que move a personagem a seguir o que a vidente diz mostra que muitas vezes, em alguns problemas que enfrentamos e não conseguimos solucionar, recorremos a nossa fé e ao que acreditamos. Percebe-se, desse modo, que a personagem Carrión não se parece com a figura do gaúcho herói, mas sim se identifica como um gaúcho de carne e osso que, ao perder seus cavalos e ao beber todas as noites, possui problemas reais que não são apenas conflitos locais.

No último conto em análise, “El ancho mundo”, publicado no livro *El narrador* (1972), é retratada a história da personagem Carlucho que, em uma de suas viagens como tropeiro, cai do trem em roupas íntimas e acaba tendo que procurar ajuda em um pago desconhecido. Nesta narrativa, o autor Mario Arregui usa o tema universal do medo que a personagem transmite ao ter que andar em um lugar desconhecido em uma situação um tanto constrangedora. É notável que a temática do sentimento de medo estabelece uma relação de realidade nos leitores, pois os seres humanos, ao se depararem com situações desconhecidas, desventuras não previstas ou que trazem constrangimento, acabam despertando este estado emocional. A figura de Carlucho, que é descrita no conto como um homem baixinho e gordinho, acaba rompendo com o estereótipo do gaúcho, “centauro dos pampas”; o conflito em que a personagem se encontra

quebra com a figura associada a valentia e coragem, afinal o gaúcho retratado por Mario Arregui é o que pode sentir os diversos sentimentos universais que existem.

É possível afirmar que Mario Arregui consegue em suas narrativas alcançar o universal, por meio da construção de personagens que lutam contra suas condições humanas. Por meio da linguagem e dos elementos regionais, traz a cultura das fronteiras e valoriza as identidades, reafirmando que as obras regionalistas não são limitadoras e, sim, obras que transcendem barreiras.

2 APONTAMENTOS SOBRE O CONTO

2.1 Estrutura e teoria do conto

O conto é um dos gêneros mais antigos e versáteis, caracterizado por sua brevidade e intensidade narrativa. Ao longo dos séculos, o conto evoluiu significativamente, passando de histórias orais a narrativas literárias complexas. O conto tem suas raízes na tradição oral, com histórias que eram passadas de geração em geração; na idade média, coletâneas de contos, como *As mil e uma noites*, já eram populares. No entanto, foi no século XIX que o conto se consolidou como um gênero literário importante, com autores como Edgar Allan Poe, que é frequentemente creditado como um dos primeiros teóricos do conto moderno. Posteriormente, autores como Guy de Maupassant e Anton Tchekhov foram fundamentais para os estudos sobre o gênero. No Brasil, autores como Machado de Assis e João Guimarães Rosa são destacados contistas.

Podemos mencionar Edgar Allan Poe como um dos primeiros críticos a trazer contribuições acerca da estruturação do conto. Em ensaio publicado no livro *Twice-told tales* (1837), o escritor apresenta definições, como a unidade de efeito e a brevidade, sendo características essenciais do gênero. Segundo Poe, um conto deve ser lido em uma única sessão para que o impacto emocional e a unidade de efeito sejam plenamente realizados. Também sua concisão não deve ser vista como uma limitação, mas sim como uma característica que exige uma narrativa densa e focada. Neste sentido, o crítico diferencia o conto do romance, dizendo que:

O romance comum tem suas objeções, devido à sua extensão [...]. Como não pode ser lido numa assentada, perde, é claro, a imensa força derivada da totalidade. Os interesses do mundo que intervêm durante as pausas da leitura modificam, desviam, anulam, em maior ou menor grau, as impressões do livro. Porém, a simples detenção da leitura por si só seria suficiente para destruir a verdadeira unidade. No conto breve, no entanto, o autor pode levar a cabo a totalidade de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora de leitura, a alma do leitor está nas mãos do escritor. Não há influências externas ou extrínsecas, produzidas pelo cansaço ou pela interrupção. (POE, 2016, p. 4).

Dessa forma, por ser escrito em menos páginas que um romance, os elementos do conto devem ser funcionais e contribuir para a construção da narrativa. Essa brevidade, apontada por Poe, exige que o autor escolha cuidadosamente cada palavra e detalhe para que a unidade de efeito seja alcançada. Continuando os estudos acerca do gênero, o escritor Julio Cortázar, em “Algunos aspectos del cuento”, recapitula algumas considerações do autor estadunidense e faz reflexões profundas, destacando também as particularidades do conto em comparação a outras formas literárias, como o romance. Para Cortázar, o tempo e o espaço no conto também são relevantes, pois esses elementos devem ser manipulados de forma a intensificar a experiência dos leitores. O escritor defende que o conto é uma obra aberta para as diversas

interpretações, já que o leitor não deve apenas consumir a história, mas sim ser ativo na construção do seu significado. Em comparação a outras formas literárias, Cortázar expõe que o conto sempre “debe ganar por Knock-out”, pois “El cuentista sabe que no puede proceder acumulativamente, que no tiene por aliado al tiempo; su único recurso es trabajar en profundidad, verticalmente, sea hacia arriba o hacia abajo del espacio literario” (CORTÁZAR, 2004, p. 514-515). Com isso a narrativa, desde suas primeiras páginas, deve apaixonar e prender seus leitores para criar um impacto emocional duradouro. Outra questão pertinente é que a significação se dá a partir de como o autor trata o tema que irá expor no conto, assim nem sempre é necessário que a temática seja fora do comum ou extraordinária. Para Cortázar, um tema é considerado bom e excepcional quando:

[...] atrae todo un sistema de relaciones conexas, coagula en el autor, y más tarde en el lector, una inmensa cantidad de nociones, entrevisiones, sentimientos y hasta ideas que flotan virtualmente en su memoria o su sensibilidad; un buen tema es como un sol, un astro en torno al cual gira un sistema planetario del que muchas veces no se tenía consciencia hasta que el cuentista, astrónomo de palabras, nos revela su existencia. (CORTÁZAR, 2004, p. 518).

É notável que a significação dependerá da conexão que o autor tem com o tema e, posteriormente, do impacto que produzirá em seus leitores. Mais contemporaneamente, Ricardo Piglia, em seu texto *Tesis sobre el cuento*, traz outra característica relevante sobre o gênero, argumentando que o conto sempre conta pelo menos duas histórias. Em sua primeira tese no texto, o escritor menciona uma das anotações deixadas por Tchekhov, onde exemplifica essa duplicidade:

[...] "Un hombre, en Montecarlo, va al casino, gana un millón, vuelve a casa, se suicida". La forma clásica del cuento está condensada en el núcleo de ese relato futuro y no escrito. Contra lo previsible y convencional (jugar-perder-suicidarse), la intriga se plantea como una paradoja. La anécdota tiende a desvincular la historia del juego y la historia del suicidio. Esa escisión es clave para definir el carácter doble de la forma del cuento. (PIGLIA, 2001, p. 105).

No exemplo dado por Piglia, percebe-se a existência de duas histórias: a primeira que é sempre aparente (jogo), e a segunda (suicídio) que é oculta, mostrando-se ao longo da narrativa. Segundo o argentino, cabe ao contista narrar as duas histórias como se fossem uma, já que “Los elementos esenciales del cuento tienen doble función y son usados de manera distinta en cada una de las dos historias. Los puntos de cruce son el fundamento de la construcción” (PIGLIA, 2001, p. 106). Portanto, a história subentendida começará a aparecer nas entrelinhas do conto, permitindo que os leitores façam suas próprias reflexões e interpretações.

Em suma, percebemos que ao longo dos anos muitos teóricos e estudiosos têm tentado definir o conto, seja pela sua extensão, pelos elementos narrativos que causam intensidade ou pelo impacto que deve causar em seus leitores. Seguindo este caminho, no tópico adiante,

analisaremos como algumas dessas questões são construídas ao longo das narrativas do escritor uruguaio Mario Arregui.

2.2 O efeito e a duplicidade em Mario Arregui

Em primeiro lugar, devo demonstrar que, como leitora, sempre despertou-me interesse a forma literária do conto, não pela sua extensão mais curta que é dita como uma de suas principais características, mas, sim, pela sua intensidade narrativa que creio ser a sua maior diferença de outros gêneros literários. Sobretudo, ao ler Mario Arregui, percebi a sensibilidade de seus contos ao falar do homem simples do campo e ao tratar de temas cotidianos com tanta maestria. Imediatamente, essa sensibilidade foi o motivo pelo qual elegi o *corpus* deste trabalho, afinal o propósito do conto, de acordo com Mempo Giardinelli, é:

El destino de un cuento, como si fuera una flecha, es producir un impacto en el lector. Cuanto más cerca del corazón del lector se clave, mejor será el cuento. Para lograr ese efecto, el texto debe ser sensible: debe tener la capacidad de mostrar un mundo, de ser un espejo en el que el lector vea y se vea. Esto es lo que se llama *identificación* (el lector piensa que ya le pasó o le puede pasar lo mismo que narra o describe el cuento) y eso le creará una empatía, una solidaridad con lo contado que hará que el cuento se le torne inolvidable. Esta identificación solo se logra apelando para la sensibilidad del lector, tocada por el texto. (GIARDINELLI, 2012, p. 60).

Evidentemente, os contos escolhidos impactaram-me e despertaram-me o sentimento de saudade. Em “Los caballos”, o espaço do campo onde acontece a narrativa faz lembrar-me dos tempos em que ia para a chácara de minha avó, com campos cercados de cavalos, nas tardes em que a sesta de verão era embaixo das árvores, das parreiras que davam uvas docinhas e dos momentos da família reunida. Já no conto “Un cuento de fogón”, a singela descrição da curandeira sentada em seu banquinho rasteiro causou-me impacto, relembro-me de quando meu avô, em sua casa, sentava em seu pequeno banquinho de madeira e tomava seu mate junto de nós; em “El ancho mundo”, recordo-me das várias histórias contadas com alegria por meu tio e avô, com seus causos que sempre divertiam a família.

Dessa maneira, sinto-me tão próxima dos contos de Arregui, que despertaram-me sentimentos de saudade do que já foi e da alegria de poder lembrar esses momentos que marcaram minha vida. Em reflexão, peguei-me a pensar o motivo pelo qual havia escolhido esses três contos para ser a base dos meus estudos. Após isso, finalmente compreendi que um bom conto é aquele que de alguma forma irá tocar o mais íntimo dos nossos corações, produzindo assim o mais real efeito nos seus leitores.

Na sequência, recapitulando os estudos de Ricardo Piglia, é possível afirmar que os contos de Arregui possuem duplicidade em suas narrativas. Ademais, no conto “Los caballos”,

vemos o diálogo dos dois amigos, o tordillo e o picaço, como a história aparente, cifrada na conversa dos cavalos e na tentativa de salvar seu dono da morte; a história dois se desenrola. Podemos pensar que o motivo pelo qual a morte estaria atrás de Leo seria a história oculta; já que no começo da conversa entre os cavalos, eles têm a impressão de que o dono estaria doente e com problemas com a esposa. Como podemos ver no diálogo entre os dois amigos:

—Ayer tampoco vimos a leo —dijo al rato el tordillo—; tengo la impresión de que anda medio enfermo.

—Enfermo... no sé; triste lo noto, sí —meditó y afirmó el picazo.

—Anda como peleado con su sombra —dejó caer el tordillo, aplicando otra frase oída a Ramón y sólo a medias entendida.

—En una de éstas con la que anda peleado es con doña Marga... estuvo a punto de terminar el picazo, pero se interrumpió por sí solo, al tiempo en que el tordillo le clavaba los ojos para hacerlo callar—. Perdoná —murmuró, y agachó la cabeza.

—A veces te olvidás —dijo el tordillo suavemente, sin reproche— que somos caballos... y castrados... y no podemos hablar de esos problemas. (ARREGUI, 1960, p. 11).

Neste sentido, pode-se refletir que talvez o destino de Leo já estaria selado por conta disso, porém o motivo de sua morte nunca é revelado no texto, ficando subentendido, deixando que os leitores façam suas próprias interpretações a respeito disso. Outro ponto que merece destaque é a questão de que o próprio cavalo picaço seria o responsável pela morte do dono, com isso, percebemos que ao longo do conto a aparição da morte para os cavalos seria um aviso de que eles não poderiam salvá-lo, pois de uma forma ou de outra a morte o iria alcançar. Neste caso, o medo dos dois cavalos apenas antecipou a morte de Dom Leopoldo, que ao final é levado pela sombra.

Do mesmo modo, em “Un cuento de fogón”, a história aparente é o desaparecimento dos cavalos de Carrión, já a narrativa dois é cifrada em várias partes do conto, inclusive em alguns atos da própria personagem, como, por exemplo, ao ficar bebendo a noite inteira. Com isso, nos primeiros diálogos do texto, percebemos que Carrión e sua esposa teriam alguns problemas conjugais, como percebemos no trecho em destaque:

La mujer de Nicodemo se llamaba María y recibió a su marido con el malhumor de costumbre, pero cumplió con diligencia la tarea inmemorial de dar de comer al hombre. Nicodemo le contó la inexplicable desaparición de los caballos y calló su mala suerte en la timba.

—Es el colmo perder los caballos —gruñó María. (ARREGUI, 1969, p. 167).

Dessa maneira, a questão do mau humor de Maria e sua impaciência com o ocorrido deixam os leitores pensativos sobre o que se passava entre eles. Ademais, também é possível conferir que a vidente que Carrión procura o conhece bem, mencionando em alguns diálogos características do pai de Carrión, como podemos ver em ambas falas da vidente:

—Hombre alarife, tu padre. Dormía poco. . . y no dejaba dormir. Era durón con los machos y blando con las hembras; a mí nunca me levantó la mano... La pobre tu mama no supo lidiarlo.

[...] —Debería cobrarte una gallina gorda —dijo ésta—, y te la cobraba si no fueras hijo de tu padre (ARREGUI, 1969, p. 169-173).

Com isso, deixa subentendido para os leitores o porquê e como conhecia tão bem o pai da personagem. Em “El ancho mundo”, a primeira história é a situação pela qual passa a personagem Carlucho, já como a história oculta podemos pensar que tal acontecimento mostra que a vida de ser um tropeiro poderia talvez ser um pouco mais entediante do que divertida. O subentendido é justamente a mudança de estado da personagem, que experimenta as variações entre o medo e a coragem para conseguir resolver a situação em que se encontra. De fato, a narrativa deixa os leitores pensativos a respeito da incrível e braba aventura que a personagem passou, mostrando que apesar das várias viagens no trem, jamais havia passado por algo parecido, como o próprio Carlucho menciona no texto: “[...] —Mire, don Mario: habrá cosas bravas en la vida, digo yo, pero como andar en pago extraño en calzoncillos dificulto que haiga otra.” (ARREGUI, 1972, p. 95).

Para finalizar esta reflexão, é inevitável afirmar a versatilidade do conto, seja por sua capacidade de causar efeitos no leitor por meio da sensibilidade, pelos elementos narrativos que causam sua duplicidade ou por sua brevidade, como alguns estudiosos preferem. Ao longo dos anos, o conto se consolidou, ganhando diversos leitores pelo mundo e ocupando seu espaço na literatura, afinal, como Mario Arregui diz: “Creo que el cuento corto es, de todas las formas de la narrativa escrita, la que con más expectativa de vida y desarrollos y de lectores fervorosos esperan los siglos que vendrán... si las bombas atómicas no terminan con nosotros en el tiempo.” (ARREGUI, 1984, p. 126).

3 APONTAMENTOS SOBRE A TEORIA DA TRADUÇÃO

Antes de mais nada, é necessário lembrar que a tradução literária tem tomado rumos diferentes ao longo da história. Em tempos atrás, pela necessidade de comunicação entre diversos povos, a prática era comum entre civilizações com culturas e línguas diferentes. Com isso, as primeiras concepções teóricas privilegiavam a tradução como algo exato, inclusive buscando equivalências precisas, o que trazia questões como a fidelidade, já que, em suas visões, as traduções deveriam corresponder integralmente ao seu original, sem quaisquer interferências do tradutor. Além disso, é possível afirmar que, na maioria das vezes, não há correspondências exatas de sentenças ou palavras de uma língua e outra e, por isso, muitos estudiosos acreditam na impossibilidade da tradução literária. No entanto, mais contemporaneamente, a prática de tradução ganhou outros olhares, mostrando que a função do tradutor vai muito além de apenas transferir um texto para uma outra língua; neste sentido, podemos citar o estudioso Haroldo de Campos, que dedicou uma atenção especial à prática de traduzir, trazendo um novo conceito, em que vê a tradução como uma Transcrição, onde interferências são inevitáveis, o que exige uma postura criadora de quem traduz e, assim, o tradutor assume um papel de coautoria do texto traduzido.

Como referência aos estudos da tradução, podemos citar as reflexões da professora Rosemary Arrojo em seu livro *Oficina de tradução: a teoria na prática* (2007), onde comenta sobre alguns pontos relevantes para pensar a prática de traduzir. Ao tratar da fidelidade, a crítica traz como exemplo para contrapor a ideia tradicional da tradução a questão enfocada pelo escritor Jorge Luis Borges, que comenta sobre a tradução realizada pela sua personagem fictícia Pierre Menard da obra *Don Quixote* para o francês, onde a personagem, na intenção de buscar uma fidelidade, traduz o texto de Miguel de Cervantes repetindo as mesmas palavras da obra do escritor espanhol. Com este exemplo, Arrojo coloca que, por mais que a personagem Menard quisesse resgatar o significado do texto fonte, apenas conseguiu reproduzir as palavras de Cervantes por conta da carência criadora do tradutor. Apesar disso, a tradução de Menard, mesmo que com palavras idênticas às do texto em espanhol, acabou produzindo outro texto, pois, se Cervantes usou uma linguagem moderna para a sua época, o tradutor francês apresentou um texto com uma linguagem que, nos dias de hoje, é arcaica, ou seja, diferente dos efeitos construídos por Cervantes em sua época, de modo que a tradução de Menard reflete outras percepções de linguagem. Dessa maneira, a figura do tradutor não mais pode ser vista como invisível, mas sim como o constituinte de seu texto, interferindo e modificando quando for necessário para a sua tradução, levando em consideração seus conhecimentos prévios, sua cultura e o contexto em que está inserido. Nas palavras de Arrojo, o tradutor será fiel:

[...] não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos *ser* o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. Além de ser fiel a leitura que fazemos do texto de partida, nossa tradução será fiel também à nossa própria concepção de tradução. (ARROJO, 2007, p. 44).

Dessa forma, o tradutor será fiel a si mesmo e a sua leitura e interpretação do texto que traduz ao decidir de que forma trará o efeito do texto de origem. Assim, a infidelidade é própria da tradução, uma vez que os textos não são estáveis e as modificações são inevitáveis por parte do tradutor.

Portanto, o tradutor, antes de mais nada, é um leitor da obra a ser traduzida, um leitor especializado e crítico, e por isso podem existir diferentes traduções de um mesmo texto, já que a tradução “é umas das leituras possíveis do texto, a realização de suas potencialidades” (CARVALHAL, 2003, p. 227).

Além disso, uma vez que o tradutor é um leitor, sua tradução partirá de sua interpretação do texto fonte e excluí-la do processo seria um equívoco. Dessa maneira, a figura que mais se encaixa nos tradutores seria a de artista, mostrando que a tradução é uma criação para a língua alvo, e que o leitor/tradutor terá que se deparar com algumas particularidades que necessitarão de uma atenção especial. Essa prática será, conforme Haroldo de Campos, “sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação” (CAMPOS *apud* GARCIA, 2011, p. 76).

Naturalmente, como tradutora de contos de Mario Arregui, deparei-me com algumas dificuldades ou dúvidas que, para encontrar uma solução, precisei realizar escolhas que dessem conta não só do vocabulário, mas também das imagens e da estrutura sintática do texto fonte. Com isso, ao começar a tradução do conto “Los caballos”, encontrei a palavra “sauces” no texto de Arregui. Certamente pelos meus conhecimentos prévios soube que se referia a uma árvore que tem sua copa arredondada e que é formada por galhos longos e flexíveis, que chegam a tocar o solo, e por isso decidi traduzi-la por “salso chorão”, pois, na região onde vivo, ela é conhecida por esse nome. Nas pesquisas no trabalho das traduções, junto com meu orientador deste TCC, nos deparamos com a tradução de Sergio Faraco de outro conto de Mario Arregui, “Cavalos do amanhecer”, em que também há referência a essa mesma árvore, porém a escolha recaiu na palavra “salgueiro”. Mesmo sabendo que o tradutor era muito conhecido e experiente e que chegou a ter conversas com Arregui, decidi manter a minha tradução por conta do meu conhecimento pessoal prévio, dessa maneira confirmando que cada tradução é única e o tradutor é o criador de seu texto. Ao mesmo tempo, também confirmando, foi possível verificar que um

mesmo texto pode multiplicar-se através de diferentes leituras, como no caso daquelas realizadas por diferentes tradutores.

Evidentemente, o tradutor não pode, ao fazer uma tradução, anular seus conhecimentos prévios acerca do meio em que vive, pois "a única língua inteiramente ao nosso alcance é aquela em que efetivamente pensamos e vivemos" (CARONE *apud* ANTUNES, 1991, p. 5). Certamente, para uma tradução ser uma transcrição, é necessário que o tradutor seja fiel a sua leitura e interpretação do texto fonte, aos seus conhecimentos pessoais, a suas escolhas e, principalmente, ser fiel a si mesmo, afinal "o tradutor trabalha em direção ao encontro do mesmo efeito que o texto fonte" (GARCIA, 2011, p. 80), e não para a fidelidade de uma tradução literal, como foi o caso da personagem Pierre Menard. Outro aspecto muito importante é a motivação, pois, como lembra Haroldo de Campos, o tradutor deve "[...] sentir-se de algum modo atraído ou motivado, ou pela forma ou pelo conteúdo dele [do texto], ou pelo autor, ou pela cultura do lugar a que se refere o texto a traduzir" (CAMPOS *apud* ANTUNES, 1991, p. 4). Como já mencionado no capítulo 2, a sensibilidade e a temática dos contos de Arregui sempre despertaram-me a motivação e o interesse necessários para realizar a prática de tradução, tornando o processo, acima de tudo, muito prazeroso.

Em síntese, Haroldo de Campos traz uma nova visão da tradução como Transcrição, e com isso é possível afirmar que "[...] é responsabilidade do tradutor literário a reconstituição da *sentença absoluta* ou do próprio signo" (GARCIA, 2011, p. 79-80), no processo da tradução. É necessário destacar, também, que muitos tradutores já confirmaram a visão da tradução como criação, como, por exemplo, o tradutor e poeta Marco Lucchesi, quando diz que "a tradução representou para mim aquela ânsia pós-babélica. Não bastava, contudo, conhecer as línguas originais. Da leitura à tradução, foi um passo." (*in* BECKER; CAVALLO, 2014, p. 39). Evidentemente, em sua experiência com a tradução, sendo tradutor de várias obras, Lucchesi destaca os grandes desafios que enfrentou ao traduzir o romance *A ilha do dia anterior*, do escritor Umberto Eco. Nas palavras do tradutor:

O trabalho durou seis meses. Todo esse tempo na ilha. Olhando-a com amor e desespero. Enamorado. Encantado. Aprisionado. Mais de sessenta dicionários. O mundo tornando-se um navio. As bibliotecas do rio eram a estiva [...] e algumas palavras demoravam semanas. Outras, meses. Era preciso checar as fontes do romance. Reexaminar as soluções. Transportar para o português. (*in* BECKER; CAVALLO, 2014, p. 62).

Percebemos, no relato do tradutor, os desafios enfrentados durante o seu processo de tradução da obra de Eco, dessa forma, mostrando o quanto o trabalho do tradutor requer uma leitura atenciosa, muitas horas de pesquisa e escolhas que devem ser feitas. Ademais, outro tradutor que também reflexiona sobre sua prática de tradução é o escritor Juremir Machado da

Silva, que descreve os desafios encontrados ao traduzir a obra *As flores do mal*, de Charles Baudelaire, em que diz:

Selecionei, traduzi literalmente “transcrirei”, aliterei, “desaliterei”, inventei palavras, cometi galicismos, mantive, ao máximo, o original, cortei, aqui ou ali, acrescentei, na estrita linha do sugerido pelo poeta, isto ou aquilo, interpretei, adulterei, “atualizei”, tornei vulgar, cometi anacronismos, desobedeci a tudo, principalmente à métrica, saí, algumas vezes, das palavras do original para tentar chegar mais ainda até elas e sempre me ative às ideias do original, mesmo quando me desviei ligeiramente delas, em termos de vocabulário, para entrar, novamente, de cabeça nelas. Fui terrivelmente infiel em nome da mais absoluta fidelidade. (in GARCIA, 2011, p. 84).

Nota-se que o tradutor leva em consideração a tradução como criação, onde modifica e altera em seu texto questões encontradas no texto fonte, para trazer da melhor forma as imagens que o texto de partida remete. Da mesma maneira, Sergio Faraco, tradutor reconhecido da obra de Mario Arregui, quando acha necessário modifica os contos do escritor uruguaio ao traduzir para o português. Em “Un cuento con un pozo”, o tradutor Faraco, além de alterar o título em sua tradução para “Cavalos do amanhecer”, como já mencionamos antes, realizou outras mudanças, como suprimir palavras na cena final do conto, transcriando a imagem que o texto fonte traz. Em uma das cartas trocadas pelos dois escritores, Mario Arregui apresenta seu agrado à mudança do título, falando que “*Cavalos do amanhecer — al amanhecer* — é um título belíssimo. A palavra cavalos já vibra em nosso subconsciente de ginetes, filhos de ginetes. Me agrada muitíssimo. [...] Não vale a pena conservar “Un cuento con un pozo” como subtítulo: simplesmente trocamos o título” (ARREGUI; FARACO, 2009, 66-67). Percebemos que a troca feita por Faraco remete ao drama que o conto apresenta já na primeira página, enquanto o do texto fonte remete ao conflito do final do conto. Em virtude disso, me senti confortável para mexer nos títulos dos contos “Los caballos”, “Un cuento de fogón” e “El ancho mundo”, seguindo essa mesma linha do tradutor Sergio Faraco, que sempre foi muito valorizado pelo escritor uruguaio; dessa forma, respectivamente, foram criados os títulos “Conversa de equinos”, “Roda de mate” e “O mundão”, após algumas discussões com o meu orientador acerca disso.

Em suma, as interferências inevitáveis realizadas pelos tradutores revelam o minucioso trabalho que é criar, a partir do texto fonte, a tradução para uma outra língua. Afinal, na maioria das vezes, a “[...] obra traduzida é que diretamente ecoa nos leitores e não o original” (CARVALHAL, 2003, p. 230), por isso é de grande importância a valorização do trabalho do tradutor. Além disso, as traduções permitem a sobrevivência das obras, uma vez que permite ao texto “[...] sempre uma nova versão, um novo destino junto a leitores inicialmente não previstos, uma transposição no tempo e no espaço que lhe assegura o prolongamento. O texto traduzido é ainda o mesmo e já outro” (CARVALHAL, 2003, p. 229).

Portanto, seguindo a visão da tradução como transcrição, realizei as traduções de três contos de Mario Arregui. Logo, perante as dificuldades e escolhas que fiz como tradutora, sempre busquei a melhor maneira de trazer o efeito dos contos para as traduções. Assim sendo, na sequência apresentarei o resultado das traduções realizadas e, posteriormente, na Conclusão, serão comentadas algumas questões durante a prática de tradução e as soluções e escolhas encontradas.

4 CONTOS E TRADUÇÕES

LOS CABALLOS

Toda la santa tarde estuvieron los dos caballos parados a la sombra de los eucaliptos, mirando el camino por encima del alambrado del piquete. Uno era tordillo; el otro, renegrido, con dos patas calzadas de blanco y un pequeño triángulo blanco en la frente. Ambos estaban gordos, sanos, bien cuidados. Eran, además de parientes lejanos, muy amigos. No se aburrían, porque los animales no se aburren, y miraban el camino sin esperar que nada extraordinario llegara por él. La tarde, mientras tanto, resbalaba con lentitud, se cumplía lo mismo que una tarea rigurosamente prefijada. . . Los caballos oían a veces, empujada desde *las casas* por el viento intermitente y tibio, la voz del peón casero, que se llamaba Ramón y cantaba, ese día, al hacer sus quehaceres.

Primero pasó un jeep por el camino.

—Es el menor de los López —dijo el tordillo.

—Sí —asintió el picazo.

—Muy hereje con los caballos —agregó el tordillo después de una pausa, cuando ya el jeep era sólo una nubecita de polvo.

—Ahora anda siempre en jeep —dijo el picazo.

—Menos mal —suspiró el tordillo.

Y quedaron silenciosos.

CONVERSA DE EQUINOS

Toda santa tarde estiveram os dois cavalos parados na sombra dos eucaliptos, olhando o caminho por cima do alambrado do piquete. Um era tordilho; o outro, bem pretinho, com duas patas calçadas de branco e um pequeno triângulo branco na testa. Ambos estavam gordos, saudáveis, bem cuidados. Eram, além de parentes distantes, muito amigos. Não se entediavam, porque os animais não se entediam, e olhavam o caminho sem esperar que nada de extraordinário viesse por ele. À tarde, enquanto isso, resvalava com lentidão, se cumpria o mesmo que uma tarefa rigorosamente predefinida... Os cavalos ouviam às vezes, empurrada desde *as casas* pelo vento intermitente e frio, a voz do peão caseiro, que se chamava Ramón e cantava, esse dia, ao fazer seus afazeres.

Primeiro passou um jipe pelo caminho.

— É o caçula dos López — disse o tordilho.

— Sim — confirmou o picaço.

— Muito herege com os cavalos — agregou o tordilho depois de uma pausa, quando o jipe já era só uma nuvenzinha de poeira.

— Agora anda sempre de jipe — disse o picaço.

— Menos mal — suspirou o tordilho.

E ficaram em silêncio.

Más tarde, con un ruido de fierritos temblones, pasó un paisano en bicicleta. Iba congestionado, jadeante. La bicicleta tartamudeaba en el camino desparejo, y el paisano se sacudía de punta a punta, desde las botas negras —bajas, relucientes— hasta el mayúsculo, carnavalesco sombrero de alas planas.

— ¡Qué cosa! —comentó el picazo.

—Es un puñado de lástima —dijo el tordillo, colocando una frase que había oído a Ramón y que nunca había entendido del todo.

El esforzado sombrero del ciclista se perdió a lo lejos sin que los caballos añadieran una palabra más.

Después —el sol ya muy lateral— pasó un emponchado en un zaino testereador.

—¿Lo conocés? —preguntó el tordillo.

—¿A quién?

—Al hombre.

—No; no debe ser de aquí.

El emponchado se hundió de a poco en el bajo y luego reapareció en la otra cuchilla.

—Al caballo creo conocerlo —dijo el picazo.

—Hum. . . —dudó el tordillo—; estos zainos petisones y compadritos son todos iguales.

El emponchado y su zaino desaparecieron para no reaparecer y los dos caballos volvieron a quedar silenciosos.

El sol, según costumbre, siguió bajando, hasta caerse del otro lado de los eucaliptos nuevos. El viento, ahora más fresco y con un ligero sabor a noche, acercó a los amigos el

Mais tarde, com um ruído de ferros batendo, passou um paisano de bicicleta. Ia afogueado ofegante. A bicicleta balançava pelo caminho desparelho, e o paisano se sacudia de ponta a ponta, desde as botas pretas —baixas, reluzentes— até o maiúsculo, carnavalesco chapéu de abas planas.

— Que coisa! — comentou o icaço.

— É um punhado de lástima — disse o tordilho, colocando uma frase que tinha ouvido de Ramón e que nunca tinha entendido totalmente.

O esforçado chapéu do ciclista se perdeu ao longe sem que os cavalos falassem uma palavra mais.

Depois — o sol já muito lateral — passou um emponchado em um zaino estreleiro.

— Tu conhece ele? — perguntou o tordilho.

— Quem?

— O homem.

— Não; não deve ser daqui.

O emponchado desapareceu pouco a pouco na baixada e logo reapareceu na outra coxilha.

— O cavalo acho que conheço — disse o picaço.

— Hum... — duvidou o tordilho —; esses zainos petiços e compadritos são todos iguais.

O emponchado e seu zaino desapareceram para não reaparecer e os dois cavalos voltaram a ficar em silêncio.

sonido inconfundible de los golpes de un hacha: Ramón picaba, sin duda, leña para el fogón y el asado.

—A mí me parece que no nos ensillan hoy — dijo el picazo.

—A mí también; ya es muy tarde —dijo el tordillo.

Es necesario advertir que el plural nos ensillan del picazo debe observarse o corregirse, porque ambos eran los caballos reservados de don Leopoldo —don Leopoldo Lecumberri, el patrón—, y éste, obviamente, sólo ensillaba uno por vez. Pero perdonemos al picazo y agreguemos que don Leopoldo no hacía distingos entre sus dos caballos: los ensillaba eligiendo como al azar o al capricho, y a menudo respondía “Cualquiera” a la pregunta “¿Cuál l’enfreno?” de Ramón; daba, eso sí, preferencia al picazo cuando había tormenta eléctrica y al tordillo cuando sabía que iba a regresar de noche. Y agreguemos también que en la estancia todos llamaban al patrón por su nombre completo, menos su esposa —doña Margarita—, que le decía Leo, y sus caballos, que la imitaban.

—Ayer tampoco vimos a Leo —dijo al rato el tordillo—; tengo la impresión de que anda medio enfermo.

—Enfermo. . . no sé; triste lo noto, sí — meditó y afirmó el picazo.

—Anda como peleado con su sombra —dejó caer el tordillo, aplicando otra frase oída a Ramón y sólo a medias entendida.

O sol, como de costume, seguiu descendo até cair do outro lado dos eucaliptos novos. O vento, agora mais fresco e com um ligeiro sabor a noite, fez chegar aos amigos o som inconfundível dos golpes de um machado: Ramón rachava, sem dúvida, lenha para o fogão e o churrasco.

— Me parece que não vão nos encilhar hoje — disse o picaço.

— Também acho; já é muito tarde — disse o tordilho.

É necessário advertir que o *não vão nos encilhar* do picaço deve ser observado ou corrigido, porque ambos eram os cavalos reservados de Dom Leopoldo — Dom Leopoldo Lecumberri, o patrão —, e esse, obviamente, só encilhava um por vez. Mas perdoemos o picaço e agreguemos que Dom Leopoldo não fazia distinção entre seus dois cavalos: os encilhava escolhendo ao acaso ou por capricho, e com frequência respondia "qualquer um" a pergunta "Qual enfreno? de Ramón; dava, isso sim, preferência ao picaço quando tinha tormenta tropeando trovões e ao tordilho quando sabia que ia voltar de noite. E ajuntemos também que na estância todos chamavam o patrão por seu nome completo, menos sua esposa — Dona Margarita —, que lhe dizia Leo, e seus cavalos, que a imitavam. — Ontem tampouco vimos o Leo — disse de tiro o tordilho —; tenho a impressão de que anda meio doente.

—En una de éstas con la que anda peleado es con doña Marga. . . —estuvo a punto de terminar el picazo, pero se interrumpió por sí solo, al tiempo en que el tordillo le clavaba los ojos para hacerlo callar—. Perdoná —murmuró, y agachó la cabeza.

—A veces te olvidás —dijo el tordillo suavemente, sin reproche— que somos caballos... y castrados. . . y no podemos hablar de esos problemas.

—Sí —gruñó el picazo, malhumorado, descontento consigo mismo.

Cruzó veloz, en sentido contrario, el jeep de López Chico. Una muchacha se apeó a abrir la portera; el jeep avanzó y la muchacha cerró la portera y subió a él.

—Ya dejaron la portera con la cadena desenganchada —rezongó el picazo, descargando su mal humor.

Primero dejó de verse el jeep, y luego se apagó también el zumbido del motor, no sin volver y girar alguna vez, colgado en el trapecio del viento.

—Yo creo —insistió el tordillo— que lo que tiene Leo es enfermedad. . . Daría una pata por equivocarme. . .

El picazo optó por permanecer callado.

El anochecer fue borrando cosas, como podando el paisaje. Todavía los caballos miraron un tiempo el camino; después, al tranco lento, se encaminaron a la otra esquina del piquete, donde crecía —junto al sauzal— un pasto tierno y jugoso.

— Doente... não sei; noto que tá triste isso sim —meditou e afirmou o picaço.

— Anda como que peleado com sua sombra —deixou escapar o tordilho, aplicando outra frase ouvida de Ramón e só meio entendida.

— Em uma dessas com o que anda peleado é com Dona Marga... — esteve a ponto de terminar o picaço, mas se calou a si mesmo, ao tempo em que o tordilho lhe cravava os olhos para fazer ele ficar quieto —. Perdão —murmurou, e agachou a cabeça.

— Às vezes te esqueces — disse o tordilho suavemente, sem reprovação — que somos cavalos... e castrados... e não podemos falar desses problemas.

— Sim — grunhiu o picaço, mal-humorado, descontente consigo mesmo.

Cruzou veloz, em sentido contrário, o jipe do Lópezinho. Uma guria se apeou para abrir a porteira; o jipe avançou e a guria fechou a porteira e subiu nele.

— Já deixaram a porteira com a corrente desenganchada — resmungou o picaço, descarregando seu mau humor.

Primeiro deixaram de ver o jipe, e logo se apagou também o barulho do motor, não sem voltar e girar alguma vez, amarrado no trapézio do vento.

— Eu creio — insistiu o tordilho — que o que tem Leo é uma doença... Daria uma pata para estar errado...

O picaço optou por permanecer calado.

A la mañana siguiente, no muy temprano, Ramón enfrenó al picazo. El tordillo le dijo “Hasta luego” a su amigo en un corto relincho y se fue a comer en las inmediaciones del sauzal. . . Largo es el desayuno de un caballo; el tordillo comía aún —parado sobre su sombra cortita— cuando oyó el relincho y el galope del picazo. Levantó la cabeza y lo esperó con las orejas tiesas.

—Tengo que contarte algo espantoso — borbotó el picazo al frenar su carrera.

—¿Qué?

—Vi una sombra. ¡Qué susto!

—¡Bah! ¿No te da vergüenza asustarte de una sombra?

—¡Pero era horrible!

Trotaba el picazo, bailaba alrededor de su compañero.

—Bueno, bueno; deberías calmarte —dijo el tordillo—. ¿Una sombra cómo?

—Espantosa, te digo. . . Casi lo tiro al agua al pobre Leo. ¡Qué cosa! Me pegó dos rebencazos que todavía me duelen.

Seguía girando el picazo. El tordillo comenzó a impacientarse.

—Vení para acá —ordenó—. Quédate quieto. Y conté; empezá por el principio.

—Está bien —dijo el picazo con mucha obediencia, deteniéndose—. En el principio vino Ramón y me enfrenó.

—Eso ya lo sé.

—Después Leo me ensilló.

O anoitecer foi encobriendo coisas, como podando a paisagem. Os cavalos ainda olharam o caminho por um tempo; depois, a tranco lento, se encaminharam a outra esquina do piquete, onde crescia — junto aos salsos — um pasto macio e saboroso. Na manhã seguinte, não muito cedo, Ramón enfrenou o picaço. O tordilho lhe disse "Até logo" a seu amigo em um curto relincho e foi comer nas imediações dos salsos... Longo é o desjejum de um cavalo; o tordilho ainda comia — parado sobre sua sombra petiça — quando ouviu o relincho e o galope do picaço. Levantou a cabeça e o esperou com as orelhas em pé.

— Tenho que te contar algo espantoso — borbotou o picaço ao frear sua carreira.

— O quê?

— Vi uma sombra. Que susto!

— Bah! tu não tem vergonha de te assustar com uma sombra?

— Mas era horrível!

O picaço trotava, saltando ao redor de seu companheiro.

— Bueno, bueno; deveria te acalmar — disse o tordilho —. Uma sombra como?

— Espantosa, te digo... Quase atiro o pobre Leo na água. Que coisa! Me deu dois rebencazos que ainda me doem.

Seguia girando o picaço. O tordilho começou a ficar impaciente.

— Vem pra cá — ordenou —. Fica quieto. E conta; começa pelo começo.

—Eso no lo sé pero es como si lo supiera.
¿Cómo está Leo?

—Bastante bien; con cara de cansado, tal vez; parecía un poco más contento. . . Pero déjame contar.

—Seguí —hizo con la cabeza el tordillo.

—Nos despedimos de la patrona y salimos. Yo salí tirando las riendas, para alegrarlo.

—Lo bien que hiciste.

—Fuimos al potrero del fondo, a ver unas vacas recién paridas.

—¿De pedigree?

—Una, sí; las otras, cruza, nomás.

—¿Son buenos los terneros?

—Hay tres muy lindos. . . Pero con tanta pregunta no me dejás contar.

—Tenés razón —admitió el tordillo—. Contá.

—Después entramos al potrero del cerro y recorrimos la cañada. A la vuelta, en la laguna de más acá, Leo me aflojó las riendas para que yo tomara agua. El agua estaba clarita y lisa. Yo bajé la cabeza... —castañetearon los dientes del picazo— y vi la sombra reflejada en el agua.

El picazo, temblando, retrocedió un poco.

—Calma, calma —aconsejó el tordillo, acercándose—. ¿Cómo era esa sombra?

Dejó de temblar el picazo.

—Yyy... —vaciló— como una sombra.

—Pero...

—¡No!: era horrible. Y estaba encima de Leo.

—¿Encima?

— Tá bem — disse o picaço com muita obediência, parando —. No princípio veio Ramón e me enfrenou.

— Isso eu já sei.

— Depois Leo me encilhou.

— Isso já não sei, mas é como se eu soubesse. Como está Leo?

— Muito bem; com cara de cansado, talvez; parecia um pouco mais contente..., mas me deixa contar.

— Segue — fez com a cabeça o tordilho.

— Nos despedimos da patroa e saímos. Eu saí puxando as rédeas, para o alegrar.

— Fizesse bem.

— Fomos ao potreiro do fundo, pra ver umas vacas recém paridas.

— De raça?

— Uma, sim; as outras, cruza, no mais.

— São bons os terneiros?

— Tem três muito lindos... Mas com tanta pergunta não me deixa falar.

— Tem razão — admitiu o tordilho —. Conta.

— Depois entramos no potreiro do cerro e percorremos o perau. Na volta, na lagoa de mais pra cá, Leo me aflouxou as rédeas para que eu tomasse água. A água estava clarinha e calma. Eu abaixei a cabeça... — bateram os dentes do picaço — e vi a sombra refletida na água.

O picaço, tremendo, retrocedeu um pouco.

— Calma, calma — aconselhou o tordilho, se aproximando —. Como era essa sombra?

<p>—Sí; en el aire. Y lo miraba.</p> <p>—¿Tenía ojos, entonces?</p> <p>Pensó un instante el picazo.</p> <p>—No sé —respondió—; pero lo miraba. . . Salté para atrás. El pobre Leo no se cayó porque Dios es grande. Lo sentí en el pescuezo. Y en cuanto se acomodó me cruzó de un rebencazo. . . ¡Ay, qué rebencazo!... Y me insultó también, que es lo que más me duele... Leo me hizo bajar otra vez a la cañada; yo no quería, pero me obligó. Vi de nuevo la sombra y volví a saltar. La sombra esta vez me miraba a mí; me pareció que se reía. Y Leo...</p> <p>—¿Pero tenía boca?</p> <p>—No, no tenía nada; pero igual me pareció que se reía... Y Leo me descargó otro rebencazo, más fuerte. ¡Qué vergüenza!.. . “Ya que estás tan loco, piojoso, aguántá la sed”, me dijo. Piojoso: ¡qué humillación! Y ahora tengo una sed...</p> <p>—En seguida vamos al bebedero. Seguí contando.</p> <p>—Y. . . muy poco más. Nos vinimos para las casas, al trotecito. Yo quería galopar pero Leo' no me aflojaba las riendas. “Estás bravo hoy; te hace falta más recado”, me dijo con malos modos. . . ¡Ah, si pudiéramos avisarle lo de la sombra! ¡Qué bien sería explicarle todo!</p> <p>—De verdad, de verdad; pero no podemos. ¡Qué cosas tiene la vida! —cerró el diálogo</p>	<p>Deixou de tremer o picaço.</p> <p>— Ehhh... — vacilou — como uma sombra.</p> <p>— Mas...</p> <p>— Não! Era horrível. E estava em cima do Leo.</p> <p>— Em cima?</p> <p>— Sim; no ar. E tava olhando pra ele.</p> <p>— Tinha olhos, então?</p> <p>Pensou um instante o picaço.</p> <p>— Não sei — respondeu —; mas tava olhando... me fui pra trás. O pobre Leo não caiu porque Deus é grande. Senti ele no pescoço. E quando se ajeitou me cruzou com um rebençaço... Ai, e que rebençaço!... E me insultou também, que é o que mais me dói... Leo me fez descer outra vez no perau, eu não queria, mas me obrigou. Vi outra vez a sombra e de novo me assustei. A sombra agora tava olhando pra mim; me pareceu que tava rindo. E Leo...</p> <p>— Mas tinha boca?</p> <p>— Não, não tinha nada; mas igual me pareceu que se ria... E Leo me lançou outro rebençaço, mais forte. Que vergonha!... "Já que tás tão louco, piolhento, aguenta a sede", me disse. Piolhento: que humilhação! E agora tenho uma sede...</p> <p>— Daqui a pouco vamos no bebedouro. Segue contando.</p> <p>— E... muito pouco mais. Viemos pras casas, a trote. Eu queria galopar, mas Leo não me afrouxava as rédeas. "tás bravo hoje; te faz falta mais recado", me disse com maus</p>
---	--

el tordillo, moviendo de arriba a abajo su largo pescuezo bien tusado.

Los dos caballos fueron al bebedero —que estaba cerca de *las casas*, al lado del pozo— y después caminaron de vuelta rumbo al sauzal; fueron y volvieron cabizbajos y silenciosos, preocupadísimos. El tordillo se instaló sin dilación bajo los árboles. El picazo —a quien Ramón había interrumpido el apenas comenzado desayuno— se rezagó en la zona del pasto tierno; pero comprobó enseguida que no tenía hambre y siguió a reunirse con su amigo. Y casi emboscados en el fondo umbrío del sauzal pasaron ambos la tarde entera, pese a que allí moraban las moscas más forajidas y golosas de todo el piquete. Muy cerca uno de otro, y sintiéndose muy juntos, ambos sabían que estaban pensando exactamente lo mismo. No hablaron una palabra; muchas veces, eso sí, se miraron, se entendieron con los ojos... Usando como látigos las colas, levantando y golpeando las patas, sacudiendo las cabezas y resoplando y mordiendo, se espantaban con éxito bastante escaso las escuadrillas de moscas, y quizá también —y quizá con menos éxito todavía— los pensamientos que los rondaban.

Esa tarde tampoco los *ensillaron*, para decirlo con el mismo plural incorrecto que usara ayer el tordillo.

modos... Ah, se pudésemos avisar ele da sombra! Que bom seria le explicar tudo!

— Verdade, verdade; mas não podemos. Que coisas tem a vida! — terminou o diálogo o tordilho, movendo de cima a baixo seu comprido pescoço bem tosquiado.

Os dois cavalos foram no bebedouro — que estava perto das casas, ao lado do poço — e depois caminharam de volta rumo aos salsos; foram e voltaram cabisbaixos e silenciosos, preocupadíssimos. O tordilho se instalou sem demora embaixo das árvores. O picaço — a quem Ramón tinha interrompido o recém começado desjejum — ficou pra trás na zona do pasto macio; mas comprovou em seguida que não tinha fome e seguiu a se reunir com seu amigo. E quase que emboscados no fundo sombrio dos salsos passaram ambos a tarde inteira, apesar de que ali moravam as moscas mais foragidas e gulosas de todo o piquete. Muito perto um do outro, e se sentindo muito juntos, ambos sabiam que estavam pensando exatamente o mesmo. Não falaram uma palavra; muitas vezes, isso sim, se olhavam, se entendiam com os olhos... Usando as colas como chicotes, levantando e golpeando as patas, sacudindo as cabeças e bufando e mordendo, se espantavam com sucesso bastante escasso as esquadrilhas de moscas, e talvez também — ainda talvez com menos êxito — os pensamentos que os rondavam.

—Me parece, hermano, que podríamos arrimar no un poco a las casas —propuso, hacia el anochecer, el tordillo.

—Eso mismo iba a decirte —aceptó el picazo.

Echaron a andar. De lejos, vieron y oyeron a Ramón, que perseguía e insultaba a gritos al ternero de la lechera rosilla. Nuestros caballos, otro día, se hubieran acercado y detenido para oír mejor, porque sabían que los dichos y los epítetos de Ramón eran famosos en el pago; ese día continuaron andando y fueron a apostarse junto al alto alambrado del corral. Vieron desde allí —en la puerta del galpón de esquila, a más o menos una cuadra— el grupo que formaban don Leopoldo, Serapio —el peón de campo— y el capataz. Don Leopoldo hablaba, Serapio cabeceaba repetidos “Sí” y el capataz se limpiaba las uñas con el cuchillo. Aguzaron la vista los caballos y se alegraron y se miraron entre sí, porque ninguna sombra se alcanzaba a divisar sobre el patrón; pero de inmediato pensaron que una sombra, si la hubiera, difícilmente podría ser vista desde aquel ángulo y aquella distancia, y menos aún en una hora en que avanzadas de la noche apenumbaban el aire. Suspiraron al unísono y siguieron mirando; vieron a don Leopoldo dirigirse a las piezas *de adentro*; vieron a Serapio desaparecer detrás del galpón, vieron al capataz ir a la pileta de las gallinas y lavarse los pies. Ya se

Essa tarde tampouco os encilharam, para dizer com o mesmo plural incorreto que usou antes o tordilho.

— Me parece, irmão, que podíamos nos aproximar um pouco das casas —propôs, ao anoitecer, o tordilho.

— Isso mesmo que ia te dizer — afirmou o picaço.

Começaram a andar. De longe, viram e ouviram Ramón, que perseguia e insultava aos gritos o terneirinho da leiteira rosilha. Nossos cavalos, outro dia, se aproximaram e pararam para ouvir melhor, porque sabiam que os ditos e os epítetos de Ramón eram famosos no pago; nesse dia continuaram andando e foram se postar junto ao alto alambrado do curral. Viram de lá – na porta do galpão de esquila, a mais ou menos uma légua — o grupo formado por Dom Leopoldo, Serapio — o peão de campo — e o capataz. Don Leopoldo falava, Serapio cabeceava vários "sim" e o capataz se limpava as unhas com a faca. Os cavalos aguçaram a vista e se alegraram e olharam entre si, porque nenhuma sombra era vista no patrão; mas de imediato pensaram que uma sombra, se houvesse, difícilmente poderia ser vista daquele ângulo e daquela distância, e muito menos em uma hora que tarde da noite escureciam o ar. Suspiraram ao unísono e seguiram olhando; viram dom Leopoldo se dirigir às peças *de dentro*; viram Serapio desaparecer detrás do galpão, viram o capataz

disponían a emprender el regreso a la esquina del sauzal cuando oyeron, cerca, “Esta noche vas a comer bien, viejito” en la voz un poco arrastrada (“Habla chancleteando”, decía Ramón) del peón de campo. Giraron las cabezas y miraron: por la portera chica de al lado del bañadero, Serapio introducía otro caballo al piquete.

—¡El overo viejo! —exclamaron los dos a un tiempo.

El overo viejo era un típico caballo criollo y un típico gaucho viejo traducido a caballo. Era feo, de poca alzada, peludo, con aire de pobre; era fuerte, *sufrido*, taciturno, receloso, pueril, supersticioso, lo contrario de efusivo, fatalista, sentencioso, *alunado*, limitadísimo, con corajes y cobardías extrañamente trenzados, con buen número de las quejumbres y alguna de las compadradas de Martín Fierro, con mucho del viejo Vizcacha... Y era también, a su modo, un sabio.

Don Leopoldo lo compró por cinco pesos — cayéndose de flaco y bastereado desde la cruz al riñón— a un tropero de cara cuchillera que venía del norte. No había en la estancia caballo más viejo que él; ni más *caminado*, tampoco. Había sido caballo de inspector de sarna, de milico, de contrabandista, de tropero y hasta de ladrón; había tirado del carro de un turco mercachifle —cosa que ocultaba—, pretendía haber ayudado a un matrero y mentía como un niño cuando

ir no tanque das galinhas para lavar os pés. Já estavam prestes a retornar para os lados dos salsos quando ouviram, perto, "Essa noite vás comer bem, velhinho" na voz calma ("Fala arrastada", dizia Ramón) de peão do campo. Viraram as cabeças e olharam: pela porteira pequena do lado do banheiro, Serapio colocava outro cavalo no piquete.

— O oveiro velho! — exclamaram os dois ao mesmo tempo.

O oveiro velho era um cavalo crioulo, um típico gaúcho velho no corpo de um cavalo. Era feio, de pouca altura, peludo, com ar de pobre; era forte, *sofrido*, calado, receoso, pueril, supersticioso, o contrário de efusivo, fatalista, sentencioso, *alunado*, limitadíssimo, com coragens e covardias estranhamente trançadas, com bom número de lamentações e alguma das compadradas de Martín Fierro, com muito do velho Viscacha... E era também, ao seu modo, um sábio.

Dom Leopoldo o comprou por cinco pesos — caindo de fraco e com o lombo judiado da cruz até o rim — de um tropeiro meio mal-encarado que vinha do Brasil. Não havia na estância cavalo mais velho que ele; nem mais *caminhado*, tampouco. Tinha sido cavalo de inspetor de sarna, de milico, de contrabandista, de tropeiro e até de ladrão; tinha tirado da carroça de um turco ambulante — coisa que ocultava —, fingiu ter ajudado um matreiro e mentia como um guri quando

hablaba de Aparicio Saravia, por que cualquiera podía sacar la cuenta de que no había sido él sino algún antepasado de heredadas memorias quien sirviera, allá por el 97 y por los peleadores comienzos de este siglo, en aquellas patriadas malhumoradas y viajadoras —turísticas, diríamos hoy— que garabateaban de idas y venidas y puntuaban de fogones con asados épicos el mapa del país.

Su experiencia era vastísima, si bien monótona! y entorpecida de pormenores; y aunque —o por que— ignoraba la mar de cosas y otras tantas despreciaba o fingía despreciar, sabía muy bien lo que sabía. La vejez (la muerte próxima, quizá) hacía además, de algún modo indefinible, sabiduría de lo que en otros hubiera sido nada más que acumulación de conocimientos o aun meros catálogos de hechos. Infinitos días y noches lo enriquecían, y potreros salvajes, lluvias, tormentas, heladas, tremendas, soles bárbaros, interminables caminos, estancias y ranchos, palenques de pulperías, yerras, carreras, velorios... Y miles de caballos vistos y olfateados. Y, por sobre todo, hombres: numerosos, diferentes hombres —muchos de ellos con seguridad ya difuntos— sobre su lomo y a su lado. . . y hasta alguna mujer llevada en ancas en una tardecita mansa como un sauce llorón.

Ahora, pese al reumatismo, a la arterioesclerosis y a los consabidos trastornos

falava de Aparicio Saravia, porque qualquer um podia se dar conta de que não tinha sido ele mas sim algum antepassado de herdadas memórias a quem servia, lá por 1897 e pelos peleadores começo do século 20, naquelas patriadas mal humoradas e viajadoras —turísticas, diríamos hoje — que rabiscavam idas e vindas e pontuavam com churrascadas épicas o mapa do país.

Sua experiência era muito vasta, mesmo que monótona e entorpecida de detalhes, e embora — ou por que — ignorava um mar de coisas e tantas outras desprezava ou fingia desprezar, sabia muito bem o que sabia. A velhice (a morte próxima, talvez) fazia também, de algum modo indefinido, sabedoria do que em outros teria sido nada mais que acumulação de conhecimentos ou ainda meros catálogos de feitos. Infinitos dias e noites o enriqueciam, poteiros selvagens, chuvas, tormentas, geadas fortes, solações bárbaros, intermináveis caminhos, estâncias e ranchos, palanques de pulperias, marcações, carreiras e velórios... E mil cavalos vistos ou percebidos só pelo cheiro. E, especialmente, homens: numerosos, diferentes homens — muitos deles certamente já difuntos — sobre seu lombo e ao seu lado... e até alguma mulher levada em ancas em uma tardezinha calma como um salso chorão.

Agora, apesar do reumatismo, a aterosclerose e aos conhecidos transtornos das vias

en las vías urinarias, terminaba dignamente sus días: era el caballo de confianza de Serapio, un hombre campero. Dos o tres veces por mes, cuando Serapio tenía que llevar animales a las ferias o salir muy temprano por otro motivo cualquiera, pernoctaba en el piquete. El tordillo y el picazo cambiaban en esas ocasiones (o sólo intentaban cambiar, solía ocurrir) algunas frases con él. Nuestros caballos, que no dejaban de estimarlo, lo respetaban y, oscuramente, lo envidiaban: caballos de un solo y sedentario amo y de piquete hogareño, envidiaban tanta vida azarosa, tanta experiencia directa y áspera de caballo, pobre. Lo que el overo sentía por ellos era más complicado; les envidiaba, a su vez, los privilegios, y a esa envidia, aún más falsamente nostálgica que la de los otros, se mixturaba desprecio, rencor, cierta benevolencia amargada de viejo y también muñones de imposibles sentimientos paternales.

En seguida de aquella doble exclamación “¡El overo viejo!” que registráramos, Serapio se fue y no cerró la portera y vino Ramón y la cerró y el overo pasó al tranco —sin mirarlos siquiera— al lado de los dos amigos. Estaba el viejo, a la sazón, comiendo con vigor el pasto duro y casi intacto que crecía un poco más allá del pozo. Mientras tanto, el picazo y el tordillo seguían hablando en voz baja.

urinárias, terminava dignamente seus dias: era o cavalo de confiança de Serapio, um homem campeiro. Duas ou três vezes por mês, quando Serapio tinha que levar animais nas feiras ou sair muito cedo por outro motivo qualquer, pernoitava no piquete. O tordilho e o picazo trocavam nestas ocasiões (ou só tentavam mudar, costumava ocorrer) algumas frases com ele. Nossos cavalos, que não deixavam de o apreciar, o respeitavam e, obscuramente, o invejavam: cavalos de um só e sedentário dono e de piquete caseiro, invejavam tanta vida desafortunada, tanta experiência direta e áspera de cavalo pobre. O que o oveiro sentia por eles era mais complicado; invejava, por sua vez, seus privilégios, e a essa inveja, ainda mais falsamente nostálgica que a dos outros, se misturava desprezo, rancor, certa benevolência amarga de velho e também retalhos de impossíveis sentimentos paternos.

Em seguida daquela dupla exclamação "O oveiro velho!" que registramos, Serapio foi e não fechou a porteira e veio Ramón e a fechou e o oveiro passou no tranco — sem sequer olhar para eles — ao lado dos dois amigos. Estava o velho, na ocasião, comendo com vigor o pasto duro e quase intacto que crescia um pouco mais para lá do poço. Enquanto isso, o picazo e o tordilho seguiam falando em voz baixa.

—Sí, sí; ya sé; no repitas. Sé perfectamente que es un viejo cascarudo y con más vueltas que cuzco chico —decía el tordillo, usando expresiones que había oído a Ramón a propósito de un tío de don Leopoldo—. Vos dejame a mí.

—Bueno, te dejo; pero tené cuidado de que no se nos vaya a empacar.

Se acercaron los dos al overo y dijeron a coro:

—Buenas tardes, don overo.

—Güeñas noches —rectificó el overo. Y siguió comiendo.

—Otra vez por aquí. . . —dijo el tordillo.

—Aháa. No les gusta que les coma el pasto, ¿eh?

—No, no —se atropelló el tordillo—; puede comer todo lo que quiera. Está en su casa.

—Total... a ustedes les sobra. Y siguió comiendo.

—Mire, don overo —intervino el picazo— : para el lado del sauzal hay un pasto mejor.

—¡Uta que son delicaus!.. Este es güeno.

—Sí; pero aquél. . .

—¿Y se crén que yo no sé? ¿A mí me van a enseñar? . . . Viá comer también de aquél, pa'sentar éste.

Y les dio la espalda, digamos. Sonaba el pasto duro al ser arrancado por sus dientes bajos y desafilados. Los dos amigos se miraron un instante. Después el tordillo fue a pararse frente a él y preguntó con la voz más suave y conciliadora que pudo conseguir:

—¿Mañana sale temprano con tropa, don?

— Sim, sim; já sei; não repitas. Sei perfectamente que é um velho carrancudo e com mais voltas que cuzco pequeno — dizia o tordilho, usando expressões que havia ouvido de Ramón de propósito de um tio de Dom Leopoldo —. Me deixa.

— Bom, te deixo; mas tenha cuidado de que não nos vá enrolar.

Se aproximaram os dois do oveiro e disseram em coro:

— Boas tardes, dom oveiro.

— Buenas noites — corrigiu o oveiro.

E seguiu comendo.

— Outra vez por aqui... — disse o tordilho.

— Aham. Não gosta que te coma o pasto, heim?

— Não, não — se atropelou o tordilho; pode comer tudo o que quiser. Tás em casa.

— No fim das contas... a vocês les sobra.

E seguiu comendo.

— Olhe, dom oveiro — interveio o picaço — : para o lado dos salsos tem um pasto melhor.

— Bah que são cheios de frescura!... Este é bueno.

— Sim; mas aquele...

— E creiam que eu não sei? Vão querer me ensinar?... Vô comer também daquele, pra sentá este.

E lhes deu as costas, digamos. Soava o pasto duro ao ser arrancado por seus dentes baixos e desgastados. Os dois amigos se olharam um instante. Depois o tordilho foi e se parou na

—No, con tropa no —contestó el overo, ya más amistoso—. Vamo a dir con Serapio a comprar unas ovejitas pa consumo.

—Ahá. . . ¿Y las de acá no sirven para comer?

—Asigún el patrón, es una lástima carnearlas, por la güeña lana que tienen.

Jum... Pa mí que con tanta bobada'e mejorar y refinar, como dicen, deben tener la carne más fiera que pasto'e bañau. . .

—Es posible, sí. . . ¿Y van lejos, don overo?

—Regular; la feria es en el local "Progreso y Trabajo". Ustedes no conocen.

—No —se apresuró el tordillo y repitió un segundo después el picazo.

—Ustedes conocen tan poco. . . —lamentó con queja fingida el overo—. Y se van a morir de viejos sin conocer gran cosa, colijo.

A no ser que venga una patriada y los yeven. ¡Pero que va'venir! Aura tá todo qu'es un asco de tranquilo. Los gobiernos no se rigulucionan como antes. ¡Pobre país!

—Tiene razón, mucha razón —adularon a coro los dos amigos.

—¡Si tendré! —dijo el viejo con orgullo.

El tordillo juzgó el momento oportuno.

—Después que coma, don —dijo—, le vamos a contar algo, para que usted nos dé su opinión.

—Jum. . . ¿De qué se trata?

—De algo muy raro que vio hoy este amigo.

—Jum. . . Debe ser alguna sonsera. Ustedes han visto tan poco. . .

—¡No! —protestó el picazo—. Fue algo...

frente dele e perguntou com a voz mais suave e conciliadora que pode conseguir.

— Amanhã sai cedo com tropa, dom?

— Não, com tropa não — contestou o oveiro, já mais amistoso —. Vamo a ir com Serapio a comprar umas ovelhinha pra consumo.

— Ah... E as daqui não servem para comer?

— Segundo o patrão, é uma lástima as carnear, pela lâ buena que têm. Hum... Pra mim que com tanta bobagem, como diz os outro devem ter a carne mais macia que pasto de banhado...

— É possível, sim... E vão longe, dom oveiro?

— Regular; a feira é no local "Progresso e Trabalho". Vocês não conhecem.

— Não — se apressou o tordilho e um segundo depois repetiu o picaço.

— Vocês conhecem tão pouco... — lamentou com queixa fingida o oveiro —. E vão morrer velhos sem conhecer grande coisa, caramba.

A não ser que surge uma patriada e os levem.

Mas hora se vai vir! Agora ta tudo que é um asco de tranquilo. Os governos não se revolucionam como antes. Pobre país!

— Tens razão, muita razão — bajularam a coro os dois amigos.

— Sim tenho! — disse o velho com orgulho. O tordilho esperou o momento oportuno.

— Depois que coma, dom — disse —, le vamos contar algo, para que você nos dê sua opinião.

Una mirada del tordillo lo obligó a callar.

—A lo mejor. . . —dijo éste—; pero queremos saber la opinión de un caballo conocedor como usted.

—Güeno —dijo el viejo, halagado—. Vayan prosiando.

—No; coma tranquilo. Hay tiempo.

—No anden con güeltas. Hablen nomás, que los escucho comiendo.

Pero fue poco lo que comió, porque muy pronto levantó la cabeza y escuchó atentamente. El relato —escueto, lineal— estuvo a cargo del tordillo, con frecuentes, casi continuas intervenciones del picazo, a quien su condición de actor parecía estorbar para una versión económica.

—Umjum. . . —hizo el viejo al final.

Los tres guardaron silencio, mientras las estrellas brotaban de golpe y quedaban prendidas como abrojos en la noche nueva.

Ni un ruido ni una voz les llegaba desde *las casas*. Eran tres caballos en soledad, y como obligados a inaugurar, para ellos solos, una noche tan antigua como las que cayeron sobre sus antepasados de pezuña hendida. . .

Espontáneamente, sin invitarse, echaron a caminar despacio en la dirección del sauzal.

El viejo iba al medio, gacha la cabeza, meditando; los dos amigos lo miraban de reojo y no se atrevían a pre guntarle nada. Se les hizo muy ancho el piquete al tordillo y al picazo. Arribaron a los árboles; había un viento alto y frío que removía el follaje; había

— Hum...Deve ser alguma asneira. Vocês viram tão pouco...

— Não! — protestou o picaço —. Foi algo...

Uma olhada do tordilho o obrigou a se calar.

— Isso mesmo — disse este —; mas queremos saber a opinião de um cavalo conhecedor como tu.

— Bueno — disse o velho, lisonjeado —. Sigam proseando.

— Não; coma tranquilo. Há tempo.

— Não andem com volteios. Falem no mais, que os escuto comendo.

Mas foi pouco o que comeu, porque em seguida levantou a cabeça e escutou atentamente. O relato — curto, linear — esteve a cargo do tordilho, com frequentes, quase contínuas intervenções do picaço, a quem sua condição de ator parecia impedir para uma versão econômica.

— Aham... — fez o velho ao final.

Os três ficaram em silêncio, embora as estrelas brotavam de golpe e ficavam prendidas como carrapichos na noite nova.

Nem um ruído nenhuma voz lhes chegava *das casas*. Eram três cavalos em solidão, e como que obrigados a inaugurar, para eles só, uma noite tão antiga como as que caíram sobre seus antepassados de casco aberto.

Espontaneamente, sem convite, caminharam devagar na direção dos salsos. O velho ia no meio, cabeça baixa, meditando; os dois amigos o olhavam de canto de olho e não se atreviam a lhe perguntar nada. Se fez grande

vocerío de grillos, también. Se oían lejanos gritos de lechuzas, y de cuando en cuando algún ladrido más lejano, solo en el mundo.

—La luna sale tarde —fue la inocente noticia con que rompió el silencio el tordillo.

—Antiayer jue cuarto menguante —aseveró, sentencioso, el overo, que llevaba siempre muy bien las cuentas de la luna.

—¿Y qué piensa usted, don overo? —se animó a preguntar casi en seguida el tordillo.

—¿De qué? —preguntó a su vez el viejo, ociosamente, pues demasiado lo sabía.

—De lo de la sombra, claro.

—Jum. . . Yyy. . .

—Diga nomás, don.

—Sí; queremos saber su opinión; diga — pidió con voz miedosa el picazo.

Carraspeó el viejo, los miró, movió la cabeza y —en un tono cuidadosamente bajo— pronunció lo que nuestros caballos habían estado toda la tarde pensando y queriendo no pensar, lo que más temían oír:

—Pa mí qu'es la muerte.

Y se fue a comer, enfurruñado y huraño.

Los amigos quedaron temblando, con algo de fantasmas sorprendidos por la aurora. Después se cuchichearon varias frases y caminaron muy juntos hasta donde estaba el overo. Este comía con apuro excesivo.

—Así que usted, don. . . —comenzó el tordillo.

Levantó de golpe la cabeza el viejo.

—Sí; pa mí es eso, nomás —gruñó.

o piquete ao tordilho e ao picaço. Chegaram nas árvores; havia um vento alto e frio que removia a folhagem; tinha gritaria de grilos, também. Se ouviam longe barulhos de corujas, e de vez em quando algum latido mais longe, só no mundo.

— A lua sai tarde — foi a inocente fala que rompeu o silêncio o tordilho.

— Anteontem fue quarta mingunte — assegurou, sentencioso, o oveiro, que fazia sempre muito bem as contas da lua.

— E o que você acha, dom oveiro? — se animou a perguntar quase em seguida o tordilho.

— Do que? — perguntou na sua vez o velho, ociosamente, pois sabia demais.

— Da sombra, claro.

— Hum... eh...

— Diga, no mais, dom.

— Sim; queremos saber sua opinião; diga — pediu com voz medrosa o picaço.

O velho carraspeou, olhou para eles, moveu a cabeça — e em um tom cuidadosamente baixo — pronunciou o que nossos cavalos haviam estado toda a tarde pensando e querendo não pensar, o que mais temiam ouvir:

— Pra mim que é a morte.

E se foi a comer, emburrado e orelhano.

Os amigos ficaram tremendo como fantasmas surpreendidos com o amanhecer. Depois se cochicharam várias frases e caminharam

Estaba fastidiado, pero no con los caballos: era enojo de viejo con la muerte.

—Nosotros queremos saber. . . —comenzó el tordillo.

—¿Qué edá tiene el patrón? —lo interrumpió el overo.

—Cuarenta y nueve —dijo el picazo, que había oído decirlo a doña Margarita.

—Pa hombre es nada.. .

—Nosotros queremos saber si se puede hacer algo —dijo de prisa el tordillo.

—¿Hacer?

—Sí; ¿qué podemos hacer? —dijeron a coro los amigos—. ¿Qué hay que hacer cuando se ve a la muerte? —continuó, solo, el tordillo.

—Jum. . . Jum. . . Hacer. . .

Permaneció reflexionando el overo. Sintió deseos de decir algo profundo y hermoso que asombrara a sus interlocutores, decir (él, criollo viejo y aporreado, eterno habitante de potreros donde las malditas ovejas se comían el mejor pasto, y que ha blaba como los gauchos y que salía de cada invierno lo mismo que de una enfermedad) palabras cargadas de sentido que dejaran boquiabiertos a aquellos dos mimados caballos de piquete, que hablaban como hombres con escuela y que tenían —él lo sabía bien, y además se les veía— mucha y reciente sangre gringa en las venas. No ignoraba que sobre la muerte es posible decir siempre cosas hondas, porque ella dona la hondura. Sabía que todo es o parece verdad

muito juntos até onde estava o oveiro. Este comia com um apuro excessivo.

— Então você, dom... — começou o tordilho.

Levantou a cabeça de golpe o velho.

— Sim; pra mim é isso, no mais — grunhou.

Estava incomodado, mas não com os cavalos: era raiva de velho com a morte.

— Nós queremos saber... — começou o tordilho.

— Que idade tem o patrão? — o interrompeu o overo.

— Quarenta e nove — disse o picaço, que havia ouvido ele dizer a dona Margarita.

— Pra homem não é nada...

— Nós queremos saber se algo pode ser feito — disse depressa o tordilho.

— Ser feito?

— Sim; o que podemos fazer? — disseram juntos os dois amigos —. O que tem que fazer quando se vê a morte? — continuou, só, o tordilho.

— Hum... hum... fazer...

Permaneceu refletindo o oveiro. Sentiu desejos de dizer algo profundo e lindo que surpreendesse os seus interlocutores, dizer (ele, crioulo velho e indomável, eterno habitante de poteiros onde as malditas ovelhas comiam o melhor pasto, e que falava como os gaúchos e que saía de cada inverno da mesma forma que de uma doença) palavras carregadas de sentido que deixariam boquiabertos aqueles dois cavalos mimados do piquete, que falavam como homens com

cuando dé la muerte se habla, que no existe lo contradictorio y que hasta los más fáciles lugares comunes pueden sonar como campanas de voz grave. Recordó, con ánimo de aplicarla o glosarla, una frase oída en su juventud a un estanciero viejo: “Se vive tan poco pa lo que hay que estar muerto”. La desechó y recordó: “Los vivos somos muertos en vacaciones”, oída, en el entierro de un pulpero, a un cura español redondo como una mujer preñada y lleno de ginebra. La desechó también y recordó otra, ésta de Ramón: “No te aflijás, hermano, que vos no vas a llorar en tu velorio” . . . Pensó, pensó un buen rato, buscó y rebuscó; pero —caballo al fin— dijo:

—Juir.

Y se fue a comer más lejos, todavía más agriado que antes.

Los amigos —algo defraudados— regresaron al sauzal y allí pasaron sin dormir y sin hablar la noche entera, así como habían pasado la tarde. Muy cerca uno del otro, y sintiéndose muy juntos, ambos sabían que pensaban exactamente lo mismo; no se miraron porque no necesitaban hacerlo y porque era negra noche. Las moscas, ellas sí, dormían ahora, y los caballos pudieron esperar impacientes pero quietos el afloramiento del alba. Por otra parte, los pensamientos lúgubres eran incompatibles después de lo dicho por el overo, eran irrechazables siquiera en la más mínima medida. Y estaba, además, la noche.

escola e que tinham — ele o sabia bem, e além do mais via — muito e recente sangue gringo nas veias. Não ignorava que sobre a morte é possível dizer sempre coisas profundas, porque ela é dona da profundidade. Sabia que tudo é ou parece verdade quando da morte se fala, que não existe o contraditório e que até os mais fáceis lugares comuns podem soar como sinos de voz grave. Recordou, com ânimo de aplicá-la e glosá-la, uma frase ouvida em sua juventude a um estanciero velho: "Se vive tão pouco pra o que há que estar morto". A descartou e recordou: "Os vivos são os mortos em férias", ouvida no enterro de um pulpeiro a um padre espanhol redondo como uma mulher prenha e cheio de cachaça. A descartou também e recordou outra, essa de Ramón: "Não te aflijas, irmão, que tu não vás chorar no teu velório"... Pensou, pensou um bom tempo, buscou e rebuscou; mas — o cavalo, ao fim — disse:

— Fugir.

E se foi comer mais longe, ainda mais amargado que antes.

Os amigos — um tanto decepcionados — regressaram aos salsos e ali passaram sem dormir e sem falar a noite inteira, assim como tinham passado a tarde. Muito perto um do outro, e se sentindo muito juntos, ambos sabiam que pensavam exatamente o mesmo; não se olharam porque não precisaram fazer isso e porque era escura a noite. As moscas,

.. La noche siempre había sido para ellos sólo la falta de luz, simplemente un lapso más o menos largo y más o menos oscuro en que el sol del verano y las moscas de casi todo el año descansaban, en que el frío del invierno tenía cuchillos más filosos y en el que el pasto, por lo general, tomaba del rocío humedad y deliciosos sabores; aquélla no fue así, fue cargada y viva y a veces agujereada por ojos invisibles, fue algo muy semejante a lo que suele ser para los hombres. Allá en las horas tempranas cesó el viento, y con su ausencia, mágicamente, se dilató la noche, se ahondó la inmovilidad de la sombra. Tarde, muy tarde, salió la luna, pero lo que hizo fue colgar de los árboles fantasmas de luz difusa. La rectitud del alba puso —¡por fin!— las cosas en orden.

—Nos olvidamos del overo —dijo el picazo—. ¿Dónde está?

Aguzó la vista el tordillo, en la luz turbia.

—Debajo de los eucaliptos. .. me parece. Sí, allá está. . . Y allá va Serapio a enfrenarlo, ¿ves?

—Sí; ahora sí.

Vieron a Serapio saltar en pelo al overo y a ambos ir hacia la portera del corral. Y, sin abandonar los sauces, siguieron conversando... Conversando con aire de conspiradores —y batallando con las más mañaneras de las moscas— estaban todavía cuando, sol afuera, llegó Ramón y enfrenó al picazo.

elas sim, dormiam agora, e os cavalos puderam esperar impacientes, mas quietos, o nascer do sol. Por outra parte, os pensamentos sombrios eram incombatiáveis depois das palavras ditas pelo oveiro, eram mesmo irrefutáveis na mais mínima medida. E estava, também, a noite... A noite sempre havia sido para eles só a falta de luz, simplesmente um lapso mais ou menos longo e escuro em que o sol do verão e as moscas de quase todo o ano descansavam, em que o frio do inverno tinha coxilhas mais afiadas, e em que o pasto, em geral, era tomado de sereno e deliciosos sabores; aquela não foi assim, foi carregada e viva e às vezes espiada por olhos invisíveis, foi algo muito semelhante ao que é para os homens. Lá por cedo cessou o vento, e com sua ausência, magicamente, se dilatou a noite, se aprofundou a imobilidade da sombra. Tarde, muito tarde, saiu a lua, mas o que ela fez foi brotar das árvores fantasmas de luz difusa. A retidão do nascer do sol pôs — por fim! — as coisas em ordem.

— Nos esquecemos do oveiro — disse o picazo —. Onde ele está?

Aguçou a vista o tordilho, na luz turva.

— Debaixo dos eucaliptos... me parece. Sim, lá está... e lá vai Serapio le enfrenar, vês?

— Sim; agora sim.

Viram Serapio montar em pelo no oveiro e a ambos irem para a porteira do curral. E, sem abandonar os saucos, seguiram conversando...

—No te distraigas —dijo éste a modo de despedida.

El tordillo —de acuerdo a lo convenido— fue a esperar junto al alambrado del camino. Al rato los vio salir y acercarse: el picazo en un trote liberal y tirando las riendas; don Leopoldo, serio, firme su bien cimentada cara de hijo de vascos, horizontal la mirada, un cigarrillo tal vez apagado en los labios sin curvas.

—¿Ves algo? —preguntó el relincho del picazo.

—No, no se ve nada —contestó el tordillo.

Y echó a trotar, acompañándolos alambrado por medio. Trotó —con los ojos casi dolorosamente abiertos— hasta que los tres alambres de púa de la chacra lo detuvieron. Y desde allí los miró alejarse.

—No se ve nada; anda tranquilo —gritó muy fuerte.

El grito se explayó y se perdió en los campos...

También se explayó y se perdió —horas más tarde, cerca del mediodía— el otro grito potente “¡Picazo! ¡Hermano! ¡La sombra!”, que lanzó el tordillo pa ciente y avizor cuando el picazo y el patrón re gresaban al galope corto.

El picazo había levantado las orejas.

—¡La sombra! ¡Dale galope! —gritó el tordillo, que se ensangrentaba el pecho en los alambres de púa.

Conversando com ar de conspiradores — e batalhando com as mais madrugadoras moscas — estavam ainda quando, sol afora, chegou Ramón e enfrenou o picaço.

— Não te distraias — disse ele em tom de despedida.

O tordilho — de acordo com o combinado — foi esperar junto ao alambrado do caminho. Um minuto viu eles saírem e se aproximarem: o picaço num trote liberal e tirando as rédeas; dom Leopoldo, sério, firme em sua bem cimentada cara de filho de vascos, olhada horizontal, um cigarro talvez apagado nos lábios retos.

— Vês algo? — perguntou o relincho do picaço.

— Não, não se vê nada — contestou o tordilho.

E começou a trotar, acompanhando eles por meio alambrado. Trotou — com os olhos quase dolorosamente abertos — até que as três cercas de arame farpado da chácara o impediram. E dali os olhou de longe.

— Não vejo nada, anda tranquilo — gritou muito forte.

O grito se espalhou e se perdeu nos campos...

Também se espalhou e se perdeu — horas mais tarde, perto do meio-dia — o outro grito potente "Picaço! Irmão! A sombra!", que lançou o tordilho paciente avisando quando o picaço e o patrão regressavam a galope curto.

O picaço levantou as orelhas.

El picazo se abalanzó pero don Leopoldo sostuvo con firmeza las riendas.

—¡Qué animal que está bravo! —exclamó.

—¡Tenés que huir, hermano! —gritó el tordillo.

Otro balance del picazo y otra sofrenada.

—¡Quieto, caramba! —masculló don Leopoldo y le bajó un rebencazo en la tabla del pescuezo.

—¡La sombra! ¡La sombra! —repetía el relincho del tordillo.

Entonces el picazo cometió un delito en el que no había reincidido desde sus tiempos de redomón: torció la boca y mordió una pierna del freno y abrió bien la boca —para que la curva del bocado no se le clavara en el paladar— y endureció la mandíbula y bajó la cabeza y emprendió una carrera desesperada.

—¡Parate! ¡Parate, loco! —gritó don Leopoldo, tirando en vano de las riendas.

—¡Dale, hermano! —azuzó el tordillo, también a la carrera del otro lado del alambrado—. ¡Dale! ¡Dale!

El camino encallado se interrumpía poco más allá de los eucaliptos, en la portera donde comenzaba el campo de los López, cerrada siempre con anillo y cadena. Pero el picazo se proponía entrar a la estancia, atravesar la plazoleta, cruzar el patio grande, pasar por detrás del galpón y salir al piquete por la portera chica de al lado del bañadero, que Ramón nunca cerraba antes de la noche. Y una vez en el piquete, en su piquete, correría

— A sombra! Dale galope! — gritou o tordilho, que se ensanguentava o peito nas cercas de arame farpado.

O picaço se arremeteu mas dom Leopoldo segurou com firmeza as rédeas.

— Que animal que tá bravo! — exclamou.

— Tens que fugir, irmão! — gritou o tordilho.

Outra arremetida do picaço e outro sofrenação.

— Quieto, caramba! — resmungou dom Leopoldo e le baixou um rebencação na tabla do pescoço.

— A sombra! A sombra! — repetia o relincho do tordilho.

Então o picaço cometeu um delito em que não havia repetido desde seus tempos de redomão: torceu a boca e mordeu uma perna do freio e abriu bem a boca — para que a curva da bocada não lhe cravasse no palato — e endureceu a mandíbula e baixou a cabeça e começou uma carreira desesperada.

— Para! Para louco! — gritou dom Leopoldo, puxando em vão as rédeas.

— Dale, irmão! — atçou o tordilho, também em carreira do outro lado do alambrado —. Dale! Dale!

O caminho encalhado se interrompia pouco mais além dos eucaliptos, na porteira onde começava o campo dos López, sempre fechada com anel e corrente. Mas o picaço se propunha a entrar na estância, atravessar o pequeno quadrado, cruzar o pátio grande, passar por detrás do galpão e sair ao piquete

de una esquina a otra, de los eucaliptos a los sauces, o en diagonal, o siguiendo los cuatro alambrados... correría largamente, infatigablemente, acompañado y ayudado por su amigo el tordillo, hasta cansar y relegar a la sombra.

Ramón estaba barriendo el galpón; oyó el ruido y se asomó a la puerta y vio venir al caballo desbocado.

—¡Ataje! ¡Ataje! —le gritó don Leopoldo.

Ramón sólo atinó a abrazarse a la escoba.

El picazo dobló a toda carrera la esquina del galpón. Pero Ramón —sin duda temiendo alguna travesura del ternero de la rosilla— había cerrado la portera chica. Ya no tenía el pobre picazo tiempo para detenerse; apenas lo tuvo para cerrar los ojos.

La porterita —de tablas: lapacho amarillo— saltó en pedazos. El caballo cayó y dio una vuelta entera sobre sí mismo. Don Leopoldo salió despedido hacia la derecha, y su cabeza fue a golpear con tremenda violencia contra el borde de cemento del bañadero.

—¡Picazo! ¡Hermano! —llamaba el tordillo, que había orillado los eucaliptos y se acercaba al galope tendido por el lado del pozo.

Llegó corriendo Ramón —siempre abrazado a la escoba— y miró a don Leopoldo y se detuvo como a una voz de mando.

—¡Doña Margarita! —gritó. Intentó incorporarse el picazo. Cayó de nuevo: tenía una paleta fracturada. Quedó con la cabeza

pela porteira pequena do lado do banheiro, que Ramón nunca fechava antes da noite. E uma vez no piquete, em seu piquete, correria de uma esquina a outra, dos eucaliptos aos salsos, ou em diagonal, ou seguindo os quatro alambrados... correria longamente, infatigavelmente, acompanhado e ajudado por seu amigo tordilho, até cansar e rechaçar a sombra.

Ramón estava varrendo o galpão; ouviu o ruído e se assomou na porta e viu vindo o cavalo desbocado.

— Ata! Ata! — le gritou dom Leopoldo.

Ramón só atinou a se abraçar na vassoura.

O picaço dobrou a todo o pau a esquina do galpão. Mas Ramón — sem dúvida temendo alguma travessura do terneirinho da rosilha — havia fechado a porteira pequena. Já não tinha o pobre picaço tempo de parar; apenas o teve para fechar os olhos. A porteirinha — de tábuas: lapacho amarelo — quebrou em pedaços. O cavalo caiu e deu uma volta inteira sobre si mesmo. Dom Leopoldo foi jogado para a direita, e sua cabeça foi golpeada com tremenda violência contra a borda de cimento do banheiro.

— Picaço! Irmão! — chamava o tordilho, que havia se esquivado nos eucaliptos e se aproximava a trote largo pelo lado do poço.

Chegou correndo Ramón — sempre abraçado na vassoura — e olhou a dom Leopoldo e se deteve com uma voz de comando.

— Dona Margarita! — gritou.

levantada, quejándose. Vio o adivinó la enorme herida del patrón.

—¡Por Dios, picazo! ¿Qué has hecho? — decía con temblores el tordillo, entreparándose a dos o tres metros del alambrado del corral.

—¡Doña Margariiiiiitaaaa! —aulló Ramón.

Y dejó caer la escoba y se quitó el sombrero y se arrodilló al lado de don Leopoldo, que se desangraba de bruces, inmóvil, y cuyas manos, como autónomas, arañaban débilmente la tierra mezclada con estiércol de ovejas.

—Dios mío, Dios mío —gemía el tordillo, aproximándose al paso.

—¿Qué sucede, Ramón? —se oyó acudir la voz de doña Margarita.

El picazo vio a la sombra doblar la esquina del galpón. Trató de cerrar los ojos pero no pudo.

—¡Ay! —se dolió el tordillo—. Ay, ay. . .

Y los dos caballos vieron cómo la sombra alcanzaba a don Leopoldo.

Tentou ficar de pé o picaço, Caiu de novo: tinha uma paleta fraturada. Ficou com a cabeça levantada, se queixando. Viu ou adivinhou a ferida enorme do patrão.

— Por Deus, picaço! O que tu fez? — dizia com tremores o tordilho, se entreparando a dois ou três metros do alambrado do curral.

— Dona Margaritaaaaaa! — berrou Ramón.

E deixou cair a vassoura e tirou o chapéu e se ajoelhou ao lado de dom Leopoldo, que se dessangrava de bruços, imóvel, e cujas mãos, como autônomas, arranhavam debilmente a terra mesclada com esterco de ovelhas.

— Meu Deus! Meu Deus! — gemia o tordilho, se aproximando ao passo.

— Que aconteceu, Ramón? — se ouviu acudir a voz de dona Margarita.

O picaço viu a sombra dobrar a esquina do galpão. Tratou de fechar os olhos, mas não pode.

— Ai! — se doeu o tordilho —. Ai, ai...

E os dois cavalos viram como a sombra alcançava a dom Leopoldo.

UN CUENTO DE FOGÓN

Nicodemo Carrión perdió una noche cuatro caballos — mejor dicho, una yegua y tres caballos. De su tropilla compuesta de cinco unidades sólo le quedó el tordillo sabino, un mancarrón chafalote cuya única virtud era un sobrepaso rendidor. El pobre tordillo no se fue con sus compañeros o

RODA DE MATE

Uma noite, Nicodemo Carrión perdeu quatro cavalos — ou melhor, uma égua e três cavalos. De sua tropilha composta de cinco cavalos só sobrou o tordilho sabino, um mancarrão pateta cuja única virtude era um sobrepasso rendidor. O pobre tordilho não se foi com seus companheiros ou colegas pela

colegas por la suficiente razón de que estaba bien atado al palenque del comercio de Elias Ayup —“Ramos Generales”—, donde Nicodemo pasó la noche bebiendo, en este orden, vino tinto, caña y ginebra, y perdiendo al monte los no muchos pesos que tenía en el cinto. Parado junto al palenque y como a la orilla de la luz de un amanecer todopoderoso, con el cinto vacío y el regusto de la última ginebra en la boca, con los ojos todavía llenos de oros, copas, espadas y bastos, Nicodemo Carrión, de profesión tropero, paseó y aguzó la vista en busca de sus herramientas de trabajo. El campo salía de la noche con viejo desgano, y no había en él más caballo que un petizo bi choco, de esos que se largan a los caminos para que mueran su muerte. Nicodemo lio lentamente un cigarrillo y se lo puso en la oreja. “Deben estar cerquita, nomás”, se dijo sin inquietarse, mientras ajustaba la cincha al tordillo, que había dejado ensillado. Encendió el cigarrillo y montó y partió al sobrepaso, ahora en la dura luz creciente. Durante toda la mañana y buena parte de la tarde campeó en vano a los perdidos; recorrió los dos potreros abiertos de los vascos Arregui, investigó las barrancas y el pajonal del arroyo Curupí, llegó al final de la calle alambrada de los Estomba, casi hasta el final del camino encallado que llevaba hasta no lejos de la estancia del gringo Filippini... Perplejo y hambriento, galopó y

suficiente razão de que estava bem atado ao palanque do comércio de Elias Ayup —“Ramos Generales” —, onde Nicodemo passou a noite bebendo, nesta ordem, vinho tinto, canha e gim, gastando os não muitos pesos que tinha na guaiaca.

Parado junto ao palanque com o raiar do sol de um amanhecer todo-poderoso, com a guaiaca vazia e o gostinho do último trago de gim na boca, com os olhos ainda cheios de ouros, copas, espadas e paus, Nicodemo Carrión, de profissão tropeiro, passeou e aguçou a vista em busca de suas ferramentas de trabalho. O campo saía da noite com um velho desânimo, e não havia nele mais cavalos do que um petiço pestiado, desses que se largam nos caminhos para que morram sua morte. Nicodemo enrolou lentamente um cigarro e o colocou na orelha. “Devem estar pertinho, no mais”, falou sem se inquietar, enquanto ajustava a cincha ao tordilho, que tinha deixado encilhado. Acendeu o cigarro, montou e partiu ao sobrepasso, agora no duro sol forte.

Durante toda a manhã e boa parte da tarde campeou em vão aos perdidos; recorreu os dois poteiros abertos dos vascos Arregui, investigou as barrancas e o capinzal do arroio Curupí, chegou no fim da rua alambrada dos Estomba, quase até o final do caminho trilhado que levava até não tão longe da estância do gringo Filipini... Perplexo e faminto, galopou e trotou depois – umas três

<p>trotó después —unas tres leguas escasas— el camino del poblado donde vivía.</p> <p>La mujer de Nicodemo se llamaba María y recibió a su marido con el malhumor de costumbre, pero cumplió con diligencia la tarea inmemorial de dar de comer al hombre. Nicodemo le contó la inexplicable desaparición de los caballos y calló su mala suerte en la timba.</p> <p>—Es el colmo perder los caballos — gruñó María.</p> <p>Nicodemo no replicó y tendió el recado en la cocina del rancho y se acostó a dormir. Soñó con caballos sueltos y con monedas escondidas y con caballos que eran y a la vez no eran los de la baraja, soñó, muy confusamente, con una especie de limbo donde todos los caballos del mundo estaban entro pillados por un inmenso ojo equino sin párpados, soñó, hacia el alba, con un potrillo malacara que se mostraba brotando del suelo y se ocultaba en seguida detrás de una pequeña mata de paja.</p> <p>Junto con el sol salió a proseguir la búsqueda; regresó después de la mediatarde, él y su tordillo cansado, casi furioso, más que perplejo.</p> <p>—Esto es cosa de brujería — dijo a su mujer, que asintió con gravedad.</p> <p>En la tardecita, y por consejo de María, se dirigió al rancho de doña Viviana, curandera y adivina.</p>	<p>léguas escasas – o caminho do vilarejo onde vivia.</p> <p>A mulher de Nicodemo se chamava Maria e recebeu seu marido com o mal humor de costume, mas cumpriu com zelo a tarefa imemorial de dar o que comer ao homem. Nicodemo lhe contou a inexplicável desapareição dos cavalos e silenciou sobre sua má sorte na timba.</p> <p>— É o cúmulo perder os cavalo — resmungou Maria.</p> <p>Nicodemo não retrucou e estendeu o recado na cozinha do rancho e se deitou pra dormir. Sonhou com cavalos soltos, com moedas escondidas e com cavalos que eram e que ao mesmo tempo não eram os do baralho, sonhou, muito confusamente, com uma espécie de limbo onde todos os cavalos do mundo estavam entropilhados por um imenso olho equino sem pálpebras; sonhou, até ao alvorecer, com um potrillo malacara que aparecia brotando do chão e se escondia em seguida de trás de um matinho de junco.</p> <p>Junto com o sol saiu para prosseguir a busca; voltou depois da meia tarde, ele e seu tordilho, cansado, quase furioso, mais que perplejo.</p> <p>— Isso é coisa de bruxaria — disse a sua mulher, que, séria, concordou.</p> <p>De tardezinha, e por conselho de Maria, se dirigiu ao rancho de dona Viviana, curandeira e adivinha.</p>
---	---

—Dentrá nomás, m'hijo — dijo la vieja Viviana. Los fulgores del último sol invadían la pieza por una ventana estrecha; el rancho era pobrísimo y milimétricamente ordenado y aseado.

—Acércate. Sentate en ese banco, si querés. La vieja —chiquita, viejísima, con algo de lechuza en los ojos que eran de alguien mucho más joven — estaba en una cama de hierro enorme para ella, semisentada, apuntalada por una pirámide de almohadones. Pronunciaba con voz tenue pero nítida.

—Vos no estás enfermo —dijo—. Haceme un cigarro, si tenés tabaco; yo tengo las manos muy tembleques.

Había cierta cosa insondable —que, por supues to, Nicodemo no registró— en la vejez de la curan dera, en la ceniza y las pequeñas brasas obstinadas de la larga vida vivida en intimidad con la enfermedad y la muerte ajenas y en la casi inminente muerte propia, allí, como ocupando los vastos espacios libres de la cama, segura y sombría, golosa pe ro no impaciente, tal vez mantenida a raya por la sola voluntad de vivir de la vieja, por una familiaridad profunda que le era inhibitoria, por la insomne intensidad de la mirada alechuzada. . .

—Toy sano —dijo el hombre, liando el cigarrillo . Vengo porque perdí cuatro caballos.

— Te achega no mais, meu filho — disse a velha Viviana.

Os raios do último sol invadiam a peça por uma janela estreita; o rancho era pobríssimo e milimetricamente ordenado e limpo.

— Te aprochega. Te senta nesse banco, se quiser.

A velha — pequena, velhinha, com algo de coruja nos olhos que eram de alguém muito mais jovem — estava em uma cama de ferro enorme para ela, semissentada, apoiada em uma pirâmide de almofadas. Pronunciava com voz suave, mas nítida.

— Tu não tás doente — disse —. Me faz um palheiro, se tiver fumo; eu tenho as mão muito trêmula.

Havia certa coisa insondável – que, com certeza, Nicodemo não registrou – na velhice da curandeira, nas cinzas e as pequenas brasas obstinadas da longa vida vivida na intimidade com a enfermidade e a morte alheias e na quase eminente própria morte, ali, como que ocupando os vastos espaços livres da cama, segura e sombria, gulosa, mas não impaciente, talvez mantida a risca só pela vontade de viver da velha, por uma familiaridade profunda que lhe era inibitória, pela insone intensidade do olhar acorujado.

— Tô bem — disse o homem, enrolando o palheiro —. Vim porque perdi quatro cavalo.

— Uma égua e três cavalo — corrigiu dona Viviana —. Me dá o palheiro acesso, meu filho.

—Una yegua y tres caballos —rectificó doña Viviana—. Dámelo prendido, m'hijo.

Nicodemo no se asombró demasiado pero sintió un ligero vértigo.

—Cierto — dijo.

La cara infinitamente arrugada de la vieja no tenía otra raza que la de la extrema vejez; sin embargo, la nariz aplastada por donde expelía el humo muy blanco del tabaco brasileiro, contrabandeado, revelaba una dosis grande de antigua sangre negra o india.

—Tu padre nunca se quedó de a pie — sentenció, y Nicodemo (que sabía todo lo que significaba esa frase que quizá mi lector urbano no sepa me dir) se sintió hondamente humillado:

—A mí me quedó el sabino — atajó con brusquedad.

—Eso no cambia el evento. ¿Cómo son tus caballos?

—¿Usted no sabe? — desafió, hosco, Nicodemo.

—No te amosqués, m'hijo; tu padre era tu padre y vos sos vos. Decí cómo son tus caballos.

Nicodemo se amansó y recitó con ritmo de trote:

Una yegua zaina tapada, bastereada, marca una argolla con un gancho; un zainito chico, hijo 'e la yegua, medio estrellero, güen caballo pal campo, orejano; un bayo cabos negros, güenazo, bien plantau muy ventena, marca una cruz con dos travesaños rabones;

Nicodemo não se assombrou muito, mas sentiu uma ligeira tontura.

— Tá bom — disse.

A cara infinitamente enrugada da velha não tinha outra raça que a de extrema velhice; no entanto, o nariz aplastado por onde expelia a fumaça muito branca do fumo brasileiro, contrabandeado, revelava uma dose grande de antigo sangue negro ou índio.

— Teu pai nunca ficou a pé — sentenciou, e Nicodemo (que sabia tudo o que significava essa frase que talvez meu leitor urbano não saiba entender) se sentiu profundamente humilhado:

— Me sobrou o sabino — soltou com brutalidade.

— Isso não muda o evento. Como são teus cavalo?

— Vancê não sabe? — desafiou, rude, Nicodemo.

— Não fica aluado, meu filho; teu pai era teu pai e tu é tu. Me diz como são teus cavalo.

Nicodemo se amansou e recitou em ritmo de trote:

— Uma égua zaina tapada, com o lombo judiado, com a marca de uma argola com um gancho; um zainito petiço, filho da égua, meio estreleiro, cavalo bueno pra camperiar, orelhano; um baio cabos negros, buenaço, bem plantado, salientes as venta, com a marca de uma cruz com dois travessão comprido; um matungo morrudo tirado a pangaré mas meio lobuno, marca apagada,

un matungo morrudo tirando a pangaré pero medio lobuno, marca borroneada, que le compré al finau turco Yafar, el mercachifle, y que tuavía se le notan las peladuras 'e los tiros y la pechera.

La vieja terminó el pucho en silencio y se lo alcanzó a Nicodemo y pidió:

—Tíralo pal patio, hacé el favor.

Nicodemo obedeció y vio sin mirar el borbollón del sol caído debajo del horizonte.

El rojo naranja de ese borbollón ya no entraba por la ventana estrecha; la voz tenue evocó en la penumbra:

—Hombre alarife, tu padre. Dormía poco. . . y no dejaba dormir. Era durón con los machos y blando con las hembras; a mí nunca me levantó la mano... La pobre tu mama no supo lidiarlo.

Rápidamente, en el silencio, la penumbra se hacía sombra entretejida.

—¿Y qué le calcula a mis caballos?— aventuró Nicodemo.

Poco tardó la respuesta, desde la casi oscuridad:

—Búscalos en la calle 'e la estancia 'e Filippini.

—Ya los busqué.

—Búscalos allí, m'hijo... Ahorita me prendés esa candela y te vas.

Muy temprano, noche aún, partió nuestro hombre hacia la estancia del gringo. Pese a que la curiosidad lo trabajaba como picazón de ortigas, cuidó de no sacar del sobrepaso al

que comprei do finado Yafar, o turco, e que ainda dá pra notar as marca das relhada.

A velha terminou o pito em silêncio e o alcançou a Nicodemo e pediu:

— Atira pro pátio, faz favor.

Nicodemo obedeceu e viu sem olhar o borbulhão do sol caído debaixo do horizonte.

O vermelho alaranjado do borbulhão já não entrava pela janela estreita; a voz tênue evocou na meia-luz:

— Homem alarife, teu pai. Dormia pouco... e não deixava dormir. Era durão com os macho e manso com as fêmea; pra mim nunca me alevantou a mão... A pobre da tua mãe não soube lidar com ele.

Rapidamente, no silêncio, a penumbra se fazia sombra entrelaçada.

— E que tu acha dos meus cavalo? — aventurou Nicodemo.

Pouco tardou a resposta, desde a quase escuridão:

— Vê se eles tão no caminho da estância do Filipini.

— Já tive por lá.

— Vê se tão ali, meu filho... Agora acende essa vela e pode ir.

Bem cedo, noite ainda, partiu nosso homem à estância do gringo. Apesar de que a curiosidade instigava como coceira de urtigas, cuidou para não tirar do sobrepaso o tordilho, para quem a noite tinha sido pouca para comer e descansar. O sol de novembro saiu, límpido, cerca de meia légua do

tordillo, para quien la noche había sido poca para comer y descansar. El sol de noviembre le salió, límpido, a eso de legua y media del poblado. Media más adelante, tomó el camino encallado que se internaba en las posesiones del hijo de genoveses. La calle empastada apenas ofrecía un trillo débil y por trechos desdibujado, y era angosta y recta, flanqueada por dos excelentes alambrados de ley. Vio novillos con reluciente peleche de primavera y gordura de eunucos; vio vacas y ovejas que pastaban gregariamente en las laderas y los bajos de potreros bastante quebrados; vio toros que, un poco disidentes de los rodeos, rumiaban esperando el estro de sus hembras; vio un hermoso potro colorado —enardecido su color por el sol matinal; dejado para padrillo o simplemente todavía sin castrar—, que se precipitó hacia él en una anhelosa averiguación del sexo del sabino y lo escoltó alambrado por medio y galopó repetidas veces en círculos y volvió cada vez, lanzando relinchos de reclamo y otros que quizá fueron puteadas a los alambradores implícitos, a golpearse contra los piques y los postes y a hacer borbotonear los alambres. (No había visto aún y no vio, y no vería hasta cerca del mediodía, un ser humano cualquiera.) Había nacido en el poblado y había vivido sus casi cincuenta años en medio de lo que veía y estaba hecho a la medida de ello; ni del modo más larvario o rudimental podía pensar en la soledad íntima y perfecta

vilarejo. Meio mais adiante, tomou o caminho trilhado que internava nas terras do filho de genoveses. O caminho meio empastado mostrava mal e mal um trilho e às vezes havia trechos que desapareciam, e era estreito e reto, flanqueado por dois excelentes alambrados. Viu novilhos com reluzente pelagem de primavera e gordura de eunucos; viu vacas e ovelhas que pastavam gregariamente nas ladeiras e viu também, nas baixadas, mal cuidados; viu touros que, um pouco dissidentes dos rodeios, ruminavam esperando o cio de suas fêmeas; viu um lindo potro colorado — resplandecida sua cor pelo sol matinal; deixado para garanhão ou simplesmente ainda sem castrar —, que foi em direção a ele em uma ansiosa averiguação do sexo do tordilho e o escoltou do outro lado do alambrado e galopou repetidas vezes em círculos e voltou cada vez, lançando relinchos de reclamação e outros que talvez fossem puteadas aos alambradores implícitos, ao se bater contra as piques e os moirões e a bordonear os arames. (Não tinha visto ainda e não viu, e não veria até perto do meio-dia, nem um ser humano). Tinha nascido no vilarejo e tinha vivido seus quase cinquenta anos no meio do que via e estava feito na medida dele; nem do modo mais larvário ou rudimentar podia pensar na solidão íntima, perfeita e obscuramente inimiga do campo só campo, nem na minúscula âncora na eternidade que é um

y oscuramente enemiga del campo sólo campo, ni en la minúscula ancla en la eternidad que es un animal comiendo en un tiempo que para nosotros significa horas y para él no pasa, ni en la paciencia taimada del toro y el ímpetu inocente de un potro entero que concibe la posibilidad de la cópula, ni en el atroz vejamen que constituye la castración y el algo —mucho— de sacerdote de un culto malvado que adquiere un hombre en acto de castrar, ni en cómo se diluye la idea de Dios en una Naturaleza rica y elemental, ni en otras varias cosas más o menos como éstas. Pensó, en cambio, que al colorado sería conveniente caparlo en el menguante de enero y empezarlo a palanquear y a amansar de abajo para la dentrada del invierno, que las ovejas (justo en días de ser esquiladas) de aquel gringo progresista y avaricioso criaban lana como yuyos, que cada novillo de aquéllos cargaba carne como para matar el hambre a sinfinitud de cristianos comilones... El tamaño y la calidad de su esperanza de encontrar los perdidos es lo que no podemos saber, porque ni él mismo lo sabía con precisión. Pero cabe conjeturar que ella era grande y que tenía más bien firmeza: estaba avalada por la confianza en doña Viviana, o por la leyenda que la vieja había como segregado a lo largo de su larga vida. Recordaba Nicodemo que en sus búsquedas no se había asomado —¿por qué?, se preguntaba— hasta el fondo mismo de la

animal comendo em um tempo que para nós significa horas e para ele não passa, nem na paciência astuta do touro e o ímpetu inocente de um potro feito que concebe a possibilidade da cópula, nem no atroz vexame que constitui a castração e o algo — muito — de sacerdote de um culto malvado que adquire um homem no ato de castrar, nem em como se dilui a ideia de Deus em uma natureza rica e elemental, nem em outras várias coisas mais ou menos como estas. Pensou, por outro lado, que para o colorado seria conveniente ser capado na lua minguante de janeiro e começar a palanquear e amansar de vez para a entrada do inverno, que as ovelhas (justo nos dias de serem esquiladas) daquele gringo progressista e avarento criavam lã como ervas daninhas, que cada novillo daqueles carregava carne como que para matar a fome sem infinidade de cristãos comilões... O tamanho e a qualidade de sua esperança de encontrar os perdidos é o que não podemos saber, porque nem ele mesmo o sabia com precisão. Mas cabe conjeturar que ela era grande e que, com certeza, era firme: estava endossada pela confiança de dona Viviana, ou pela lenda que a velha tinha segregado ao passo de sua longa vida. Recordava Nicodemo que em suas buscas não se tinha chegado — por quê?, se perguntava — no fim daquele caminho, até à profundidade onde o trilho terminava incontinualemente em duas porteiras — uma para veículos e ginetes,

calle, hasta la hondonada donde ésta terminaba incontinuablemente en dos porteras —una para vehículos y jinetes, otra para tropas— cerradas con candados, como corresponde a porteras de gringo. “De fija qu’están en las porteras —se decía y volvía a decirse, como para convencerse—, costiendo pa l’aguada”.

—Dos días sin tomar agua: güen castigo — llegó a murmurar en una ocasión.

Allí estaban, efectivamente. Los vio desde la cuchilla y...

—¡Qué vieja bárbara! exclamó en voz alta, y descendió la ladera en el primer galope del día, corto y sofrenado porque la pendiente era mucha.

El tordillo emitió relinchos de salutación que sólo obtuvieron una breve respuesta de la matronil aunque bastereada yegua zaina.

Nicodemo sujetó en el plan del bajo y quedó contemplando a los encontrados.

—¡Qué vieja bárbara! —repitió—. ¡La puta que la parió! — agregó en voz más alta y con más admiración.

Recíprocamente lo contemplaron un momento —sin aire culpable, o como pretendiendo delegar cada uno en los otros su cuota parte de culpa o ver tirla en una pálida culpa colectiva— la zaina ma dre, su hijo el zainito chico, el arrogante bayo ca bos negros que siempre estaba como descifrando mensajes secretos en los vientos, el resignado ejemplar de *equus caballito* cuyo color de

outra para tropas — fechadas com cadeados, como corresponde a porteras de gringo.

“Que trancadas que estão as porteras — se dizia e voltava a se dizer, como para se convencer —, costeando pra aguada”.

— Dois dias sem tomar água: castigo bueno — chegou a murmurar em uma ocasião.

Ali estavam, efetivamente. Os viu desde a coxilha e...

— Que velha dos diabo!

Exclamou em voz alta, e desceu a ladeira no primeiro galope do dia, curto e sofrenado porque a pendente era muita.

O tordilho emitiu relinchos de saudação que só obtiveram uma breve resposta da matrona ainda que égua zaina judiada.

Nicodemo se afirmou na baixada e ficou contemplando os encontrados.

— Que velha dos diabo! — repetiu — A la putcha! — agregó em voz mais alta e com mais admiração.

Recíprocamente o contemplaram um momento — sem ar de culpados, ou como pretendendo delegar cada um nos outros sua cota parte de culpa ou a converter em uma pálida culpa coletiva — a zaina mãe, seu filho o zaininho pequeno, o arrogante baio cabos negros que sempre estava decifrando mensagens secretas nos ventos, o resignado ejemplar de *equus caballus* cuja a cor de pelo era discutível e que ainda mostrava os estigmas dos arreios de uma carroça que vendera roupa e bugigangas.

pelo era discutible y que aún mostraba los estigmas de los arreos de un carro que vendiera ropa y baratijas.

El tordillo sabino —famélico tras días de andanzas y noches de mal comer— aprovechó la oportunidad para robarle grandes bocados de buen pasto al gringo Filippini.

Doña Viviana no se encontraba en la cama sino acuellada como una momia incaica en un banquito casi rastrero, tal como la habían dejado las vecinas voluntarias que le hacían la comida y le limpiaban la vivienda; tenía una mirada que no miraba nada o miraba para adentro y un mate temblón en las manos de osamenta.

—Aparecieron los caballos — anunció Nicodemo desde el vano de la puerta.

—Dentrá y sentate. Haceme un cigarro.

Los ojos de la curandera y adivina, en la luz de la tarde joven, aparecían más reducidos y menos intensos que en la tardecita anterior; si bien tan arriscadamente vivos como entonces, se veían además un poco neblinosos, a causa, sin duda, de la crudeza de la luz y del humo de marlos del brasero.

—Sirvasé — brindó Nicodemo el cigarrillo encendido.

—Cebá vos el mate.

La conversación fue un tanto errabunda y tuvo muchos pozos de silencio y duró hasta cerca del anoecer. Versó sobre otros caballos perdidos y encontrados y no

O tordilho sabino — faminto depois de dias de andanças e noites de mal comer — aproveitou a oportunidade para roubar grandes bocados do pasto bom do gringo Filippini.

Dona Viviana não se encontrava na cama, mas acocada como uma múmia inca em um banquinho quase rasteiro, tal como a tinham deixado as vizinhas voluntárias que lhe faziam a comida e lhe limpavam a casa; tinha uma olhada que não olhava nada ou olhava para dentro e um mate virado nas mãos ossudas.

— Apareceram os cavalos — anunciou Nicodemo desde o vão da porta.

— Entra e te senta. Me faz um palheiro.

Os olhos da curandeira e adivinha, na luz da jovem tarde, apareciam mais reduzidos e menos intensos que na tardezinha anterior; se bem que tão arriscadamente vivos como então, se viam além disso um pouco neblinosos, a causa, sem dúvida, da crudeza da luz e da fumaça de sabugos na brasa.

— Te serve — brindou Nicodemo o cigarro aceso.

— Ceva tu o mate.

A conversa foi um tanto vaga e teve muitos vazios de silêncio e durou até quase o anoitecer. Versou sobre outros cavalos perdidos e encontrados e não encontrados, sobre mortes violentas onde se entrevia o decreto do destino, sobre o caráter áspero, mas com olhos de água do velho Carrión,

encontrados, sobre muertes violentas donde se entreveía el dictamen del destino, sobre el carácter áspero pero con ojos de agua del viejo Carrión, sobre si los lobizones que violan mujeres pueden preñarlas o no. . . Después de una pausa larga, Nicodemo se decidió a pronunciar que quería pagar la gauchada y pidió a la vieja que le dijera qué se le ofrecía.

—Debería cobrarte una gallina gorda —dijo ésta—, y te la cobrava si no fueras hijo de tu padre.

—Se la traigo mañana.

—No la quiero; si me la traés no la como. Te la perdono.

Nicodemo agradeció y se despidió y volvió a agradecer. Trasponía la puerta cuando la voz tenue lo llamó:

—Carrioncito.

—¿Qué?

—Te perdono también la putiada que m' echaste

sobre si os lobisomens que violam mulheres podem engravidá-las ou não... Depois de uma pausa longa, Nicodemo se decidiu a pronunciar que queria pagar a gauchada e pediu a velha que lhe dissesse o que ele lhe devia:

— Deveria te cobrar uma galinha gorda — disse ela —, e te cobrava se não fosses filho do teu pai.

— Amanhã te trago.

— Não quero; se me trazer não vou comer. Te aperdou-o.

Nicodemo agradeceu e se despediu e voltou a agradecer. Passava a porta quando a voz tênue o chamou:

— Carrionzito.

— O quê?

— Te perdoe também a puteada que tu me deu.

EL ANCHO MUNDO

Es sabido que Eduardo Acevedo Díaz amuebló nuestra literatura con gauchos homéricos, con atletas y semidioses vernáculos. Los gauchos que a mí me ha sido dado conocer no se parecían a los de don Eduardo: eran *sufridos* ("sufridos, castos y pobres", dice Borges) pero más bien chicos y

O MUNDÃO

É sabido que Eduardo Acevedo Díaz edificou nossa literatura com gaúchos homéricos, com atletas e semideuses vernáculos. Os gaúchos que cheguei a conhecer não se pareciam aos de Dom Eduardo; eram *sofridos* ("sofridos, castos e pobres", disse Borges) mas, melhor dizendo, nada espetaculares. Tampouco, na

nada espectaculares. Tampoco, a decir verdad, se parecían a los gauchos o gauderios de los que don Félix de Azara escribió: “Su desnudez, su larga barba, su cabello nunca peinado, y la oscuridad y porquería de semblante, les hacen espantosos a la vista”.

Mi amigo Cariucho, un verdadero gaucho, era petizo y gordito. Acabo de escribir “mi amigo” y pienso que se me fue la mano, porque a la relación entre Cariucho y yo le faltó, sin duda, algo más de comercio de persona a persona. Pero en una cuasi-amistad, o amistad un tanto impersonal, conversamos mucho y muy cordialmente en algunos fogones, en algunas tropeadas cortas, en trances de frangollar tortas fritas en la cocina de los peones, en ratos de mirar la lluvia desde el alero del galpón...

Carlucho tenía una cara ajaponesada, ojos húmedos (ligeramente perrunos) y barba escasa. Caminaba como si las botas o las alpargatas le oprimieran cruelmente los cortos pies carnosos (esos pies como abreviados del casi siempre jinete y casi nunca peatón que Güiraldes anota entre las características de su arquetipo, y bastante cifra hueca, *Segundo Sombra*). A caballo parecía más grande y, sobre todo, menos redondo y mejor construido. En el trato se mostraba inveteradamente un poco Sí, *señor*, un poco servil. Ejercía las tres profesiones más gauchas: guasquero, domador, tropero. Como guasquero era casi un bordador; como

verdade, se pareciam aos gaúchos ou gaudérios que Dom Félix de Azara escreveu: “Sua nudez, sua longa barba, seu cabelo nunca penteado, e taciturno e de semblante aporcalhado, os fazem espantosos à vista”.

Meu amigo Carlucho, um verdadeiro gaúcho, era petizo e gordinho. Acabo de escrever “meu amigo”, mas acho que não é para tanto, porque a relação entre mim e Carlucho faltou, sem dúvida, um pouco mais de comércio de pessoa a pessoa. Mas em uma quase amizade, ou uma amizade um tanto impessoal, conversamos muito e bem cordialmente em alguns fogos de chão, em algumas tropeadas curtas, nas trapaças de tortas fritas na cozinha dos peões, nas horas de ver a chuva da beirada do galpão...

Carlucho tinha uma cara meio que de japonês, de olhinho puxado e de barba escassa. Caminhava como se as botas ou alpargatas lhe apertassem cruelmente seus pés curtos e gordinhos (uns pés abreviados dos que quase sempre são ginetes e que quase nunca andam a pé como Güiraldes anotou nas características de seu arquetipo, *Dom Segundo Sombra*). A cavalo parecia maior e, sobretudo, menos redondo e melhor construído. No trato era um pouco servil, dizendo sim senhor para tudo. Exercia as três profissões mais gaúchas: guasqueiro, domador, tropeiro. Como guasqueiro era quase um bordador; como domador — amansador, principalmente — era quase um

domador —amansador, principalmente— era casi un mago; como tropero, un hombre cuidadoso y de toda confianza. Tropeó años por tierra y años por ferrocarril. Murió hace mucho, de una neumonía, y no alcanzó a conocer la era de los camiones de ganado. La anécdota que una vez me contó y que me propongo contar corresponde a sus años de tropero por ferrocarril.

Empezaré diciendo, a manera de informe para los que no lo saben, que a los vagones-jaulas donde se encierran los novillos o las vacas se les agrega un vagón cerrado o furgón destinado a los troperos. En ese furgón éstos toman mate, conversan, comen, juegan al truco, cantan a veces, duermen en su recados... Durante el viaje el trabajo consiste en bajarse en las estaciones y revisar las jaulas y picanear algún animal caído. Yo viajé en más de una ocasión en esos furgones y puedo asegurar que la aventura es más bien aburrida.

Me contó Carlucho que una noche, después de encargar al tuerto Farías que le vigilara los pampas, iba durmiendo “como un doctor” en el furgón. Había cenado una paleta de oveja —gorda, fría, bien adobada— y la había rociado con mucho tintillo; y más luego, mientras escuchaba al tartamudo Ramírez recitar casi todo *Paja Brava* y grandes pedazos del *Martín Fierro* (seguramente, se me ocurre, los más populares, que son los más brutales y matonescos), había “quebrau

mago; como tropeiro, um homem cuidadoso e de toda confiança. Tropeou anos por terra e anos por trem. Morreu faz tempo, de uma pneumonia, e não conseguiu conhecer a era dos caminhões de gado. O caso que uma vez me contou e que me proponho a contar corresponde aos seus anos de tropeiro nas ferrovias.

Começarei dizendo, em forma de relato para os que não sabem, que os vagões jaulas onde se encerram os novilhos ou as vacas se lhes agrega um vagão fechado ou furgão destinado aos tropeiros. Nesse furgão eles tomam mate, conversam, comem, jogam truco, cantam às vezes, dormem em seus arreios... Durante a viagem o trabalho consiste em descer nas estações e revisar as jaulas e aguilhoar algum animal caído. Eu viajei mais de uma vez nesses furgões e posso assegurar que a aventura é bem mais entediante.

Me contou Carlucho que uma noite, depois de encarregar o caolho Farias que lhe vigiasse o gado, ia dormindo “como um doutor” no furgão. Tinha jantado uma paleta de ovelha — gorda, fria, bem temperada — e a tinha borrifado com muito vinho tinto; e logo mais, enquanto escutava ao gago Ramirez recitar quase todo *Paja Brava* e grandes pedaços de *Martín Fierro* (seguramente, me ocorre, os mais populares, que são os mais valentes e brutais), tinha se entupido de mate até ficar “com a pança como que pra assentar

yerba” hasta quedar “con la panza como p’asentar navajas”. Nada extraño es, por tanto, que a eso de la medianoche se haya semidespertado con la vejiga pidiendo a gritos un afloje. Antes de cobrar conciencia de que iba en el tren, salió presuroso (el tuerto Farías, ¡siempre el mismo pasmado!, había dejado entreabierta la puerta del furgón) a cumplir con su vieja costumbre de mear atrás del rancho. El porrazo fue descomunal pero no se rompió ningún hueso, por suerte y por milagro. Para comprobar este milagro, incrédulo aún, flexionó las piernas y movió los brazos como saludando y se tanteó despacio los costillares. El ferrocarril (el ruido del ferrocarril) se perdió en la noche machaza y sin luna, y él quedó al lado de la vía, bien despierto ahora, un poco dolorido, en camiseta y calzoncillos... Orinó sin apuro, respirando el aire finito y mirando las estrellas. Después de todo, se dijo, había tenido más suerte que una taba cargada. Capaz que me dan por muerto... y hasta me lloran un ratito, pensó con levísimo humor negro. No hacía frío, pero el pasto estaba demasiado húmedo para dormir un tiempo más. Se sentó, resignado, en la punta de un durmiente. Menos mal que el tuerto, con toda seguridad, se encargaría de los novillos. Larga como esperanza e pobre la noche. ¡Y qué ganas de pitar! Y el tabaco y las hojillas y el yesquero cada vez más lejos, en el tren. El tuerto, aunque boca-abierta, era bueno y

canivete”. Nada extraño, portanto, que lá pela meia noite tenha meio despertado com a bexiga pedindo a gritos um alívio. Antes de retomar consciência de que ia no trem, saiu apressado (o caolho Farias, sempre tão distraído! tinha deixado entreaberta a porta do furgão) para cumprir com um velho costume de mijar atrás do rancho. A porrada foi descomunal, mas não quebrou nenhum osso, por sorte e por milagre. Para comprovar esse milagre, ainda incrédulo, flexionou as pernas e moveu os braços como que saudando e tocou devagar as costelas. O trem (o ruído do trem) se perdeu na noite longa e sem lua, e ele ficou ao lado da via, bem acordado agora, um pouco dolorido, de camiseta e cueca... Urinou sem pressa, respirando o ar fininho e olhando as estrelas. Depois de tudo, disse, que tinha tido mais sorte do que ganhar no jogo do osso. É capaz que me deem por morto... e até chorem um pouco, pensou com levíssimo humor. Não fazia frio, mas o pasto estava muito úmido para dormir mais uma hora. Se sentou, resignado, na ponta de um dormente. Menos mal que o zarolho, com toda certeza, se encarregaria dos novillos. Comprida como esperança de pobre à noite. E que vontade de pitar! E o fumo e o papel e o isqueiro cada vez mais longes, no trem. O caolho, ainda que boca aberta, era bom e bem amigo, certeza que se encarregaria da cela, da roupa, do cinto com dinheiro, da faca... Compridaça a

buen amigo, y en fija que se encargaría también del recado, la ropa, el cinto con la plata, el cuchillo... Largaza la noche. Al fin, las barreras del día. Hacía frío ahora. Se puso de pie y orinó otra vez. *He juntan más méada que una yegua alzada*. Echó a caminar. ¡La puta con las espinas! Malos y peladones los campos. *Debe hacer una ponchada 'e días que no llueve*. ¡Qué pago despoblado! ¡Mire que vivir en un pago así!; hay cristianos pa todo... Estaba el sol afuera cuando vio unos ranchos. Se les acercó cautelosamente, escondiéndose detrás de unos cardos altos. No vio a nadie. Gente dormilona, parecía. O no había perros o los perros también dormían. Llamó con unos gritos que le salieron raros. Un hombre sacó la cabeza por una ventana. —Venga, amigazo —llamó Carlucho. —¿Quién es? Venga usted —desconfió el hombre. —No puedo. —¿Cómo? —Que no puedo. ¿Hay mujeres? —¿Mujeres? —Es que 'stoy en calzoncillos. —¿Cómo dice? El hombre desapareció de la ventana y reapareció un minuto después con una escopeta, “una bruta escopeta, como pa putear al alcalde”. —No tenga miedo, mi amigo —dijo Carlucho—. Soy güeno. Abaje esa escopeta. Me cai del tren, nomás...

noite. Por fim, os primeiros raios do dia. Agora fazia frio. Ficou de pé e urinou outra vez. *Juntei mais mijo que uma égua alçada*. Começou a andar. La putcha com espinhos! Ruins e peladões os campos. *Deve fazer uma ponchada de dias que não chove*. *Que pago despovoado! Onde já se viu viver num pago assim! Tem cristão pra tudo...* Já tinha saído o sol quando viu uns ranchos. Se aproximou cautelosamente, se escondendo de trás de uns cardos altos. Não viu ninguém. Gente dorminhoca, parecia. Ou não tinha cachorros ou os cachorros também dormiam. Chamou aos gritos, que saiu meio estranho. Um homem botou a cabeça por uma janela. — Venha, amigão — chamou Carlucho. — Quem é? Venha vancê — desconfiou o homem. — Não posso. — Como? — Não posso. Tem mulher aí? — Mulher? — É que tô de cueca. — Como disse? O homem desapareceu da janela e reapareceu um minuto depois com uma escopeta, “uma bruta escopeta, como pra putear o prefeito”. — Não tenha medo, meu amigo — disse Carlucho —. Sou bueno. Abaxe essa escopeta. Me caí do trem, no mais... — E que merda queres?

—¿Y qué mierda quiere?

—No se enoje, don. Soy un oriental: Quiero una bolsa vieja pa fabricarme un chiripá.

El hombre desapareció otra vez de la ventana y en seguida, para complicar las cosas, asomó en ella otra cabeza: una china cerduda con las cerdas llenas de moñitas de papel,

—No se asuste, doña —adelgazó la voz Carlucho, reculando y escondiéndose más entre los cardos y clavándose espinas que no sintió en los muslos y las asentaderas.

El hombre reapareció por la esquina del rancho, siempre escopetado. La cabeza de mujer le gritó:

—¡Tené cuidado, Juan!

—No tenga miedo, mi amigo —repitió Carlucho—. Abaje esa bufosa. Emprésteme una bolsa vieja, haga el bien.

—¿Se cayó del tren, dice?

—Sí; soy tropero. Venía dormido.

El hombre resultó macanudazo. Se estuvo riendo un rato largo, como si el mismo Mandinga le hiciera cosquillas. Le dio al agradecido Cariucho un par de alpargatas nuevonas que le quedaron grandes y la bolsa para el chiripá y una manea de oveja para sujetarlo; lo hizo entrar al rancho y le hizo servir con la mujer unos bifés con perejil y huevos fritos; le regaló medio paquete de tabaco; lo llevó en charret a la estación y le prestó unos pesos para que tomara el tren de vuelta.

— Não se aborreça, Dom. Sou um oriental: Quero um trapo velho pra me fabricar um chiripá.

O homem desapareceu outra vez da janela e em seguida, para complicar as coisas, se assomou nela outra cabeça: uma china cabeluda com os cabelos cheios de bobs de papel.

— Não se assuste, dona — diminuiu a voz Carlucho, recuando e se escondendo mais entre os cardos e se cravando espinhos que não sentiu nas coxas e nem no traseiro.

O homem reapareceu no canto do rancho, sempre armado. A cabeça da mulher lhe gritou:

— Te cuida, Juan!

— Não tenha medo, meu amigo — repetiu Carlucho —. Abaixе essa escopeta. Me empresta um trapo velho, faça o bem.

— Disse que caísse do trem?

— Sim; sou tropeiro. Vinha dormindo.

O homem resultou macanudaço. Ficou rindo um tempão, como se o próprio capeta lhe fizesse cosquinhas. Lhe deu ao agradecido Carlucho um par de alpargatas novíssimas que lhe ficaram grandes e o trapo para o chiripá e uma tira de couro de ovelha para segurar; o fez entrar no rancho e mandou a mulher servir uns bifés com salsinha e ovos fritos; o presenteou com meio pacote de fumo; o levou na charrete até a estação e lhe emprestou um dinheiro para que pegasse o trem de volta.

La anécdota, aunque tiene su gracia, no es demasiado memorable. Lo que sí es memorable es la frase con que Carlucho remató el relato de sus malandanzas en ropas menores por el ancho mundo:

—Mire, don Mario: habrá cosas bravas en la vida, digo yo, pero como andar en pago extraño en calzoncillos dificulto que haiga otra.

A anedota, ainda que tenha sua graça, não é muito memorável. O que sim é memorável é a frase com que Carlucho arrematou o relato de suas andanças em roupas íntimas pelo grande mundo:

— Olhe, dom Mario: haverá coisas bravas na vida, digo eu, mas como andar num pago estranho de cuecas acho difícil que tenha outra.

COMENTÁRIOS E CONCLUSÃO

Em síntese, buscamos refletir sobre o trabalho do tradutor e os vários aspectos que envolvem essa prática. Para isso, recorremos a estudos em que a prática de tradução é vista como uma escrita criativa do texto fonte, valorizando as escolhas e transcrições realizadas pelos tradutores. Com isso, visando a tradução como um novo texto, comentaremos as três traduções produzidas por mim dos contos “Los caballos”, “Un cuento de fogón” e “El ancho mundo” do escritor uruguaio Mario Arregui, destacando algumas das escolhas e transcrições realizadas nos textos.

Uma das primeiras modificações realizadas, mencionada no quarto capítulo deste trabalho, foram as trocas dos títulos dos contos “Los caballos”, “Un cuento de fogón” e “El ancho mundo” para “Conversa de equinos”, “Roda de mate” e “O mundão”, respectivamente. No primeiro conto, o título “Conversa de equinos”, ao trocar ideias com meu orientador, surgiu da referência do conto “Conversa de bois”, do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, pois em ambos os contos é explorado o regionalismo a partir de falas de animais, com temas e personagens universais; também, a narrativa de Guimarães Rosa valoriza uma linguagem típica do sertão, onde apresenta oralidades e expressões próprias do lugar. Dessa forma, dialogan com a narrativa de Mario Arregui, que traz a valorização da linguagem fronteiriça. Ademais, o conto “Un cuento de fogón” é uma referência às histórias contadas nos “fogos de chão”, ou como diz o próprio Mario Arregui, contadas em “fogón de troperos”. Com isso, a transcrição do título para “Roda de mate” é uma forma de trazer essa relação com o conflito exposto no conto, mas referenciando dessa vez as conversas e os causos contados nas rodas de mate, a fim de mostrar uma prática muito comum na região em que vivo. Já em relação ao título “O mundão”, parece-me que reforça uma oralidade, marca muito próprias de obras regionalistas.

Em continuação, ao realizar as três traduções, deparei-me com muitas expressões regionalistas que necessitaram de uma pesquisa mais aprofundada. É o caso da palavra “estrellero” encontrada no conto “Los caballos”, que significa a condição do cavalo andar de forma empinada. Para traduzir essa expressão, realizei uma pesquisa no dicionário de regionalismo do escritor jaguareense Aldyr Garcia Schlee, onde foi encontrada a palavra “estrelheiro”; após isso, perguntei a algumas pessoas que estão acostumadas com o campo se era dessa maneira que eram chamados os cavalos que andam assim. Após as confirmações, como resultado mantive a tradução “estrelheiro” para dar ênfase a essa palavra utilizada nesse contexto. Outro exemplo foi a transcrição realizada da palavra “cinto” para “guaiaca”, na tradução “Roda de mate”, fazendo referência a um acessório essencial da vestimenta gaúcha, muito

conhecida aqui na região. Já em “O mundão”, a palavra “bufosa”, arma de fogo, foi transcrita para “escopeta”, referenciando a uma arma antiga de calibre 12 e, também, aos meus conhecimentos prévios de já ter visto uma na casa de meu avô. Em sequência, outras expressões regionalistas foram mantidas nas três traduções, como, por exemplo, as palavras “chiripá”, “sofrenação”, “emponchado”, “enfrenar”, “cusco”, “pulpeiro”, “mancarrão”, “orelhano”, “morrudo”, “macanudaço” e “putear”. Dessa forma, foram mantidos os regionalismos para que os leitores busquem seus significados, reafirmando que o tradutor é que irá decidir como conduzirá sua tradução, ou seja, incorpora à língua portuguesa expressões vindas de outro idioma.

Ainda, deparei-me com certas dificuldades acerca de algumas sentenças completas nos textos fonte. Assim, no conto “El ancho mundo” a frase “he juntau más meada que una yegua alzada” resultou em algumas dúvidas. Dessa maneira, após conversar e debater com meu orientador, decidiu-se transcriar para “juntei mais mijo que uma égua alçada”; como pesquisa, perguntei para algumas pessoas sobre a palavra “alçada”, incluindo minha mãe, que comentou que já havia escutado de minha avó e meu avô essa expressão para se referir quando a égua está no “cio”. Com isso, após essas considerações, foi mantida a tradução. Também, no texto fonte “Un cuento de fogón” outra dúvida apareceu em relação à expressão “No te amosqués, m’hijo”, onde, depois de pensar sobre a sua significação, transcriei para “Não fica aluado, meu filho”, trazendo a referência de quando falamos que uma pessoa está de mau-humor, levando em consideração minha utilização comum desse termo no meio em que vivo, relacionando assim com a situação da personagem exposta no conto.

Além disso, como forma de valorização da linguagem fronteiriça, foram mantidas oralidades nas falas das personagens em diversas situações ao longo das traduções. Um dos casos foi a modificação da concordância de número em algumas sentenças, onde foi retirado o plural de algumas palavras, a fim de aproximá-las a um modo comum de fala entre as pessoas. Podemos ver em “Conversa de equinos” as seguintes mudanças em destaque: “**Vamo** a ir com Serapio a comprar umas **ovelhinha** pra consumo”, “Pra mim que com tanta bobagem, como diz **os outro** devem ter a carne mais macia que pasto de banhado”. Já em “Roda de mate” vemos os seguintes exemplos: “É o cúmulo perder **os cavalo** — resmungou Maria”, “Me faz um palheiro, se tiver fumo; eu tenho **as mão muito trêmula**”, “Vim porque perdi **quatro cavalo**”, “Que velha **dos diabo!**”.

Em continuação, pensando nessa proximidade, utilizaram-se modificações verbais, o uso do pronome “Tu” e o uso do pronome oblíquo “Te” nas falas das personagens, demarcando a linguagem cotidiana da região. Na tradução “Conversa de equinos”, temos os seguintes

exemplos: “**Tu** conhece ele? — perguntou o tordilho”, “Doente... não sei; noto que **tá** triste isso sim [...]”, “Sim; no ar. E **tava** olhando pra ele”, “Não **te** distraias — disse este em tom de despedida”, “Por Deus, picaço! o que **tu** fez?”. O mesmo vemos em “Roda de mate”: “**Tu** não **tás** doente [...]”, “E que **tu** acha dos meus cavalo? [...]”, “Vê se eles **tão** no caminho da estância do Filipini”, “Já **tive** por lá”, “**Aparecero** os cavalo [...]”, “Ceva **tu** o mate”. Também, em “O mundão” temos os seguintes exemplos: “É que **tô** de cueca” e “**Te** cuida, Juan!”.

Outro ponto importante nas falas das personagens foram as escolhas de pronomes e preposições, onde escolheu-se manter as oralidades do texto fonte, transcriando para o português. Algumas das escolhas foram: a troca do pronome oblíquo “lhe” para “les” (oralidade “le” encontrada no texto fonte), se manteve, por exemplo, em “Conversa de equinos”: “Aham. Não gostas que **les** coma o pasto, heim?”; a troca da preposição “para” para “pra” (oralidade “pa” encontrada no texto fonte), transcrição feita, por exemplo, em “O mundão”: “[...] Quero um trapo velho **pra** me fabricar um chiripá”; e a troca do pronome de tratamento “você” para a forma “vancê” (uso do “usté” no texto fonte), amparada por estar presente em textos de outros autores regionalistas do Rio Grande do Sul. Essa transcrição utilizamos, por exemplo, na tradução “Roda de mate”: “**Vancê** não sabe? [...]”. Além disso, optou-se por usar o pronome oblíquo “me”, em sua forma enclítica, que é mais usual oralmente. Vemos um exemplo em “O mundão”: “**Me** caí do trem, no mais...” e “**Me** empresta um trapo velho, faça o bem”.

Ademais, optou-se também por colocar o artigo definido “a” antes de algumas palavras, referenciando uma prática comum das pessoas aqui da região de fronteira; podemos ver na tradução “Roda de mate” os exemplos: “Te **achega** no mais, meu filho [...]” e “[...] pra mim nunca me **alevantou** a mão... a pobre da tua mãe não soube lidar com ele”. Do mesmo modo, transcriaram-se algumas expressões regionalistas, a fim de valorizar a linguagem e buscar o efeito do texto fonte. Algumas das transcrições são: a forma “Buenas noites”, “fue”, “ahora”, “La putcha”, “bueno” e “ponchada”, referenciando a essa proximidade do espanhol e português muito comum em cidades que fazem fronteira, valorizando, assim, o diálogo existente entre as duas culturas por meio da tradução.

Ao longo deste trabalho, procuramos analisar o papel do tradutor e de suas escolhas, a fim de mostrar que as traduções não podem ser consideradas inferiores ao seu texto fonte, já que o leitor/tradutor terá, inevitavelmente, que fazer escolhas e transcrições na tradução de um texto para outra língua. Dessa forma, no processo de criação, o tradutor respeitará o original, conforme aponta com Benedito Antunes, quando:

[...] realizar dele uma leitura a mais profunda possível, utilizando-se de todos os meios disponíveis. É esta leitura que garantirá ao tradutor a convicção necessária para criar numa língua um texto que possa representar um original escrito numa outra. Essa maneira de conceber a tradução literária explica por que cada época, ou até simultaneamente, temos novas traduções de obras clássicas. As traduções podem envelhecer, ainda que o original não envelheça. Nós também, enquanto leitores, podemos perceber que as leituras que realizamos das grandes obras caducam. E, neste caso, só nos resta ler de novo. (1991, p. 8).

Dessa maneira, as traduções realizadas por mim visam essa forma de pensamento, sendo novos textos, não estáveis, mas, sim, apenas algumas das leituras possíveis de contos do escritor uruguaio Mario Arregui. Portanto, pode-se afirmar que a experiência vivenciada neste trabalho e nas pesquisas sobre tradução literária ao longo de minha trajetória acadêmica tentou mostrar que a prática de tradução requer todo um processo, sendo da leitura até a tradução, um longo caminho.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Benedito. **Notas sobre a tradução literária**. São Paulo: Alfa, 1991. 35v. p. 1-10.
- ARREGUI, Mario. A propósito del cuento. *In*: ARREGUI, Mario. **Ramos generales**. Montevideo: Arca, 1984. p. 123-126.
- ARREGUI, Mario. **Tres libros de cuentos**. Montevideo: Arca, 1969.
- ARREGUI, Mario. **Hombres y caballos**. Montevideo: Alfa, 1960.
- ARREGUI, Mario. **El narrador**. Montevideo: Arca, 1972.
- ARREGUI, Mario; FARACO, Sergio. **Diálogos sem fronteiras**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- ARROJO, Rosemary. As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo: algumas reflexões. *In*: ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. Entre a universalidade e o particular: a literatura ante as identidades regionais. *In*: BORDINI, Maria da Glória; SCHÜLER, Fernando Luís. **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 31-41.
- BECKER, Elizamari Rodrigues; CAVALLO, Patrizia. Experiência de leitura, recepção e tradução: o romance *A ilha do dia anterior*, de Umberto Eco, no Brasil. **Cadernos de Letras/Centro de Letras e Comunicação, UFPel, Pelotas**, n. 23, p. 37-68, set. 2014.
- ARAUJO, Bruna Ussandizaga Gonçalves Neves; RIZZON, Carlos. Tradução e identidades regionais de Arregui e Faraco. *In*: BLANCO, Amanda; RIZZON, Carlos; GORROSTORRAZO, Mayte (org.). **Viceversa: tópicos de traducción entre español y portugués**. Jaguarão: Unipampa, 2020. p 24-36.
- CARVALHAL, Tania Franco. Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras. *In*: CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio: Ensaio de literatura comparada**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 153-183.
- CARVALHAL, Tania Franco. Tradução e recepção na prática comparatista. *In*: CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio: Ensaio de literatura comparada**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 217-259.
- CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.
- CORTÁZAR, Julio. Algunos aspectos del cuento. *In*: CORTÁZAR, Julio. **Obra crítica 2**. Buenos Aires: Suma de Letras, 2004. 3v. p. 505-534.

DEGASPERI, Marisa Helena; RODRIGUES, Roberta Rego (org.). Confluências entre crítica e teoria literária e a tradução literária ou criativa na formação do tradutor. **Cadernos de Letras**/Centro de Letras e Comunicação, UFPel, Pelotas, n. 17, p. 74-87, set. 2011.

GARCIA, Karol Souza. Confluências entre crítica e teoria literária e a tradução literária ou criativa na formação do tradutor. **Cadernos de Letras**/Centro de Letras e Comunicação, UFPel, Pelotas, n. 17, p. 74-87, set. 2011.

GIARDINELLI, Mempo. **Así se escribe un cuento**: historia, preceptiva y las ideas de veinte grandes cuentistas. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PEREIRA, Lucia Miguel. Regionalismo. **Prosa de ficção** (de 1870 a 1920). São Paulo: USP, 1988.

PIGLIA, Ricardo. Tesis sobre el cuento. *In*: PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2001. p. 103-111.

POE, Edgar Allan. **Resenha sobre Twice-told tales**, de Nathanael Hawthorne. Tradução de Charles Kiefer. Disponível em: http://www.bestiario.com.br/6_arquivos/resenhas_poe.html. Acessado em: 12 set. 2024.

RIZZON, Carlos. Tempos e lugares do regionalismo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, IX, 2012, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. p. 1048-1061.

SODRÉ, Nelson Werneck. O regionalismo. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dicionário da cultura pampeana Sul-Rio-Grandense 1**. Pelotas: Fructos do paiz, 2019. 2v.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dicionário da cultura pampeana Sul-Rio-Grandense 2**. Pelotas: Fructos do paiz, 2019. 2v.

VALLERIUS, Denise Mallmann. Regionalismo e crítica: uma relação conturbada. *In*: **Revista Antares**, Caxias do Sul, n. 3, p. 63-80, jan-jun. 2010.